



Paleo-Ortodoxo

"Desde que os primeiros cristãos acreditavam que nossa fé e obediência contínuas são necessárias para a salvação, naturalmente segue que eles acreditavam que uma pessoa "salva" poderia ainda acabar perdida." – David Berco

Pesquisar

Pesquisar por:

Posts recentes

- [Sobre o Significado de Kephale \("Cabeça"\): Um Estudo do Abuso de uma Palavra Grega](#)
- [Os Cristãos são Chamados para Amadurecer a Masculinidade? A ESV de Efésios 4:13 não Entende o Sentido – Mesmo para os Complementaristas](#)
- [O Programa do Reino no Evangelho de Mateus](#)
- [Salmo 139:16 e Predestinação: Crítica e Interpretação de Texto](#)
- [O Salmo 139:16 Grita Contra o Calvinismo](#)

Posts & páginas populares

- [Alguns Problemas Com o Pós-tribulacionismo](#)
- [Agostinho Corrompeu a Igreja com a Doutrina Gnóstica](#)
- [Como os Agostinianos Deturpam o Pelagianismo](#)
- [O Texto Majoritário e o Texto Original: são Idênticos?](#)
- [Calvinismo Refutado Versículo por Versículo e Assunto por Assunto](#)
- [CASO PARA O ARREBATAMENTO PRÉ-TRIBULACIONAL DA IGREJA](#)
- [O LEGADO MANIQUEÍSTA DE SANTO AGOSTINHO](#)
- [A HISTÓRIA DA BÍBLIA DE REFERÊNCIA SCOFIELD](#)
- [PÓS-TRIBULACIONISMO ATUALIZADO \[1\]](#)
- [ARMÍNIO E WESLEY SOBRE O PECADO ORIGINAL](#)

paleoortodoxo em [Craig Keener](#), [Gordon Fee](#), [Mulheres no Ministério, visão igualitária](#) 14 de setembro de 2021 de junho de 2022
20,030 palavras

MULHERES NO MINISTÉRIO: OUTRA PERSPECTIVA IGUALITÁRIA

Craig S. Keener

A maioria dos cristãos não percebe o quanto nossas origens e tradições afetam a maneira como lemos a Bíblia. Tendo sustentado visões igualitárias e complementares (ou hierárquicas) sobre o ministério das mulheres com sinceridade em diferentes momentos da minha vida, em ambos os casos dependendo do meu desejo de ser fiel à Palavra de Deus, reconheço as razões sinceras pelas quais muitos crentes estão em ambos os lados do problema. Estou firmemente convencido de que a Bíblia apoia o ministério das mulheres, mas tenho boas amigas (algumas das quais são mulheres) que discordam.

Um dos principais motivos pelos quais os crentes passaram a ter pontos de vista diferentes sobre o assunto, entretanto, é que diferentes passagens, tomadas por si mesmas, parecem apontar em direções diferentes. Cristãos com visões igualmente elevadas das Escrituras, portanto, muitas vezes acabam com maneiras diferentes de entender como Deus deseja que encaixemos esses textos variados.^[1]

O PROBLEMA

Algumas passagens da Bíblia apoiam uma ampla variedade de ministério de mulheres, especialmente aquelas que dão exemplos explícitos de mulheres profetisas, um juiz com autoridade sobre todo o povo de Deus, um provável apóstolo e mulheres que participaram do ministério do evangelho de Paulo. Outra passagem (1 Timóteo 2: 11-14) parece proibir as mulheres de ensinar as Escrituras na presença de homens, e é uma das duas passagens que realmente podem ser entendidas como proibindo o discurso público das mulheres na igreja por completo. Infelizmente, alguns cristãos que começam com um grupo de textos veem com desconfiança os cristãos que começam com outro grupo de textos, às vezes até questionando seus compromissos evangélicos. Sou, portanto, grato aos meus colegas neste volume pela oportunidade de dialogar com eles como companheiros evangélicos trabalhando juntos para compreender melhor a Palavra de Deus

Se alguns textos parecem apontar em uma direção e outros em uma direção diferente, nos deixa várias opções:

1. Um grupo de textos está errado. (Esta não é uma opção de evangélicos conservadores, incluindo os colaboradores deste livro.)
2. A Bíblia permite às mulheres alguns tipos de ministérios, mas proíbe outros.
3. A Bíblia proíbe o ministério de mulheres na maioria das circunstâncias, mas permite exceções em casos específicos, caso em que devemos permitir tal ministério hoje em casos excepcionais.
4. A Bíblia permite o ministério de mulheres em circunstâncias normais, mas proíbe em casos excepcionais, caso em que devemos permitir na maioria das circunstâncias hoje.

A segunda posição atrai muitos intérpretes cristãos hoje, mas aqueles que sustentam esta posição devem fazer muitos dos mesmos julgamentos interpretativos feitos por aqueles que afirmam os ministérios das mulheres de forma mais geral.

Os textos aos quais esta posição apela não especificam um tipo de ministério verbal, mas na verdade impõem silêncio completo por parte das mulheres na igreja, e um texto fala explicitamente contra qualquer ensino na presença de homens. Se esses textos significam tudo o que parecem significar, então eles proíbem o ministério público das mulheres por completo (de fato, sua aparente demanda por silêncio absoluto proibiria até mesmo cantar no coral ou ler publicamente uma lista de anúncios). Se, por outro lado, eles não significam tudo o que parecem como eles querem dizer, as visões 3 e 4 são uma opção tão legítima quanto a visão.^[2] Além do mais, como argumento abaixo, alguns dos papéis pelos quais as mulheres desempenhavam o ministério na Bíblia eram mais autorizados do que as funções de que são frequentemente agora restritos.

Defendo neste ensaio a quarta visão, a saber, que a Bíblia permite o ministério de mulheres em circunstâncias normais e proíbe-o apenas em circunstâncias excepcionais. Como as cartas de Paulo a Timóteo tratam de uma situação específica (as mulheres eram, na verdade, veículos de propagação de falsos ensinamentos, como podemos demonstrar pelas próprias cartas), a natureza da circunstância excepcional parece bastante clara. A única passagem da Bíblia que proíbe explicitamente as mulheres de ensinarem a Bíblia – em contraste com numerosas passagens que endossam várias mulheres comunicando a mensagem de Deus – é dirigido à única igreja onde sabemos especificamente que os falsos mestres estavam efetivamente visando as mulheres. Isso é uma coincidência?

EVIDÊNCIA BÍBLICA PARA O MINISTÉRIO DA MULHER

Começo com as passagens que parecem apoiar o envolvimento das mulheres em várias formas de ministério.

Profetisas (Êxodo 15:20; Juí. 4: 4; 2 Rs 22:14; 2 Cr. 34:22;

Isa. 8: 3; Lucas 8:36; Atos 2: 17–18; 21: 9; 1 Cor. 11: 4-5)

Um ministério frequentemente descrito nas Escrituras como promovendo o envolvimento direto das mulheres é o de profetizar. Hoje, a maioria das pessoas pensam primeiro em pastores quando ouvem a palavra ministros, mas no AT a forma mais comum de ministério com respeito a declarar a palavra de Deus era o ministério profético.^[3]

No AT, as verdadeiras profetisas incluíam Miriam (Êxodo 15:20), Débora (Juízes 4: 4), Hulda (2 Rs 22:14; 2 Cr 34:22) e, aparentemente, a esposa de Isaías (Isaías 8: 3). No NT, eles incluíam Ana (Lucas 2:36) e as quatro filhas virgens de Filipe (Atos 21: 9; naquela cultura, sua virgindade provavelmente também sugeria sua juventude). Paulo parece assumir que as profetisas eram um fenômeno regular nas primeiras igrejas cristãs; na verdade, ele afirma que as mulheres oram e profetizam publicamente, desde que suas cabeças estejam cobertas (1 Cor. 11: 4-5).^[4] Lucas, que em todo o seu evangelho e no livro de Atos mostra particular sensibilidade de gênero ao relatar sobre as mulheres quase como frequentemente como sobre os homens, relata a interpretação inspirada de Pedro sobre Joel 2: 28–29: Quando Deus derrama seu Espírito assim que o Messias vier, mulheres e homens profetizarão (Atos 2: 17–18). Esta passagem é tão paradigmática para Atos quanto Isaías 61: 1-2 foi para Lucas (Lucas 4: 18-19). O testemunho da igreja do NT (cf. Atos 1: 8) é caracterizado pelo manto profético do AT (em um sentido geral), independentemente de classe, sexo, idade ou (mais surpreendentemente para a igreja de Jerusalém) raça.^[5]

Para ter certeza, a maioria das vozes proféticas (especialmente no AT) eram masculinas, mas isso era de se esperar em uma cultura onde a maioria das vozes públicas eram masculinas.

Mesmo no AT, porém, o ofício profético não era exclusivamente masculino, como era o ofício sacerdotal. O ofício sacerdotal fornece algumas lições para o ministério, mas não necessariamente a conclusão de que os ministros devem ser homens; Os protestantes aplicam a analogia sacerdotal a todos os crentes (cf. 1 Pedro 2: 5, 9; Apocalipse 1: 6; 5:10; 20: 6). Além disso, se restringirmos o ministério aos homens porque os sacerdotes são do sexo masculino, por que não devemos restringi-lo também a uma tribo específica, como a lei claramente fazia? Muitos dos regulamentos que Deus deu ao sacerdócio teriam sido comunicados bem a seu povo em um antigo cenário do Oriente Próximo – costumes de pureza ritual hitita, características arquitetônicas egípcias no tabernáculo e assim por diante. Um sacerdócio exclusivamente masculino fazia sentido em vista de alguns dos antigos cultos do Oriente Próximo que cercavam Israel e dos antigos costumes de pureza.

O ofício profético, no entanto, dependia de um chamado pessoal e de dons.^[6] Abordo com mais detalhes abaixo a questão que os homens profetas superavam as profetisas mulheres nos tempos bíblicos, mas basta apontar aqui que menos mulheres teriam a mobilidade e o respeito social para serem vozes proféticas eficazes; além disso, líderes proféticos como Samuel e Eliseu provavelmente não misturariam gêneros nos bandos de profetas que eles orientavam. Esses fatores tornam a atividade de algumas profetisas ainda mais notável.

Alguns podem argumentar que o ofício profético é irrelevante hoje porque, em sua perspectiva, a profecia cessou. Em minha opinião, vários textos sugerem que a profecia, como outros dons, continuará até a volta de Cristo, mesmo no sentido mais restrito da profecia (1 Cor. 13: 8-12; Ef. 4: 11-13; Ap. 11: 3 –7). Além disso, Atos 2: 17-18 deve permanecer fundamental, pois descreve a igreja cheia do Espírito de Pentecostes em diante, todos a quem Deus chamaria (vv. 38-39) na era da salvação (v. 21). Mas mesmo que este dom de profecia continuasse hoje apenas em um sentido mais restrito, o texto pelo menos indica que as mulheres, assim como os homens, devem falar a mensagem de Deus com o poder do Espírito.

Vamos, entanto, aceitar por um momento a alegação de que alguns fazem que a profecia cessou. Mesmo que essa afirmação fosse correta, isso não apagaria o registro de que no período bíblico algumas mulheres ocupavam um ofício de influência mais direta do que os ofícios agora frequentemente negados. Desejando permitir que as mulheres profetizassem, mas não ensinassem, alguns afirmam que desde o tempo de Esdras em diante os profetas tinham menos autoridade do que os escribas, porque os escribas manuseavam as Escrituras. Essa distinção, no entanto, não é muito precisa. Embora a profecia não seja o mesmo dom que o ensino, os ouvintes podem aprender com ela (1 Coríntios 14:31). A maioria dos profetas cujas mensagens estão contidas na Bíblia interpretam e aplicam anteriormente mensagens bíblicas, especialmente a lei, mas também imagens de profetas anteriores. (De acordo com este gênero, o livro do Apocalipse contém mais alusões do AT do que qualquer outro livro do NT, embora falte citações).^[7] De fato, a maior parte do AT foi *escrita* por profetas. Em qualquer caso, os profetas transmitiram a mensagem de Deus; expressar a objeção de que as mulheres têm permissão de entregar a mensagem de Deus em profecia, mas não ensinando as Escrituras, é essencialmente alegar que podem ministrar desde que o façam *sem* usar as Escrituras!

Uma comissão profética conota algum tipo de autoridade ou autorização (Ap 11: 3). Claro, nem todos os profetas exerceram a mesma medida de autoridade. Samuel, Elias e Eliseu supervisionavam movimentos proféticos que reconheciam sua autoridade. Mas pelo menos algumas mulheres, como Débora (veja o comentário abaixo), exerceram autoridade significativa neste ofício profético. Em qualquer caso, os profetas de ambos os sexos não tinham autoridade fora de sua mensagem. Natã, por exemplo, teve que retratar seu conselho a Davi quando descobriu que isso contradizia o que o Senhor estava realmente dizendo (2 Sam. 7: 3-5). Se a autoridade é inerente à mensagem proclamada, Hulda exerce grande autoridade para aplicar o Livro da Lei à sua geração (2 Rs 22: 14-20). Sem dúvida, havia também uma razão pela qual Josias enviou mensageiros a ela (22:13) em vez de para outras figuras proféticas; talvez ouvir a lei o forçou a reconhecer as verdades que ela já havia proclamado.^[8]

Um Juiz (Juí. 4: 4)

Junto com seu irmão Aarão, Miriam extrapolou sua autoridade quando desafiou o maior ofício profético de Moisés (Números 12: 1-14), que funcionou como o modelo mais próximo do AT para o ministério apostólico do Novo Testamento (2 Cor. 3: 6-18; cf. João 1: 14-18).^[9] Moisés não era apenas um profeta, mas também um líder principal, e ocasionalmente era até comparado a um rei (Deuteronômio 33: 5). Os equivalentes mais próximos depois de Moisés e antes dos apóstolos seriam os profetas que também lideraram Israel (Débora, Samuel e Davi – veja Atos 2:30) e talvez aqueles que lideraram o remanescente em tempos de grande iniquidade (como Elias e Eliseu). Dos dois juizes proféticos explícitos (Samuel e Débora), um era uma mulher – um exemplo bíblico óbvio de uma profetisa autorizada.

Em toda a era dos juizes, apenas uma mulher era juíza, e o livro dos Juizes faz questão de mostrar que isso era digno de nota. O hebraico é enfático: “um profeta [profetisa], esposa de Lapidote” (Juizes 4: 4). Mas embora sua raridade o tornasse notável, o texto não oferece nenhuma nota de condenação. Uma das principais características dos Juizes é sua insistência em que Israel regularmente se desviou dos mandamentos de Deus, e que Deus, ao invés dos juizes que ele levantou, era o verdadeiro herói. A maioria dos juizes cujas histórias são narradas em detalhes exibem problemas significativos em suas vidas pessoais (8:27; 11: 30-39); o livro até pula mais de vinte anos sobre o ministério de Sansão para revelar seus envoltimentos sexuais (15: 20-16: 31), enraizados no que podemos hoje chamar de seus relacionamentos disfuncionais anteriores (14: 2-3)! Até mesmo Samuel pode ter tido alguns problemas (1 Sam. 8: 3; cf. 2: 12-17, 29), embora eles não fossem sérios o suficiente para desviar seu ministério. No entanto, Debora, que não busca o poder, mas o compartilha de boa vontade com Baraque, sai bastante limpa – como, de fato, uma mulher teria que fazer para manter a liderança em sua época.^[10] Em qualquer caso, ela claramente exerceu autoridade sobre Israel. Ela aparentemente até compartilhava da liderança militar de Baraque, embora isso fosse porque Baraque se recusou a aceitar sua comissão sozinho (Juizes 4: 6-10). Alguns objetam que Deus nomeia mulheres apenas quando os homens não estão fazendo o trabalho. Mesmo se fosse aceito esta premissa, dificilmente seria um argumento contra o ministério das mulheres hoje, dado o fato de que talvez mais da metade da população mundial ainda não ouviu o evangelho de Jesus Cristo de uma forma culturalmente inteligível e que a maior parte da igreja de Cristo, e presumivelmente muitos dos seus professores, permanecem adormecidos demais para atender ao seu chamado.

Um Apóstolo (Rom. 16: 7)

Se Moisés e os líderes proféticos eram o equivalente do AT mais próximo dos apóstolos do NT, Débora merece um lugar entre eles. Claramente, várias mulheres do NT também continuaram o ofício profético, como mencionado acima. Mas havia alguma mulher apóstola explícita no NT? Por causa da posição especial dos apóstolos e seu papel em abrir novos caminhos para o reino de Deus, as mulheres teriam enfrentado obstáculos especiais nessa cultura, como o fariam em muitas culturas até hoje. Assim, não devemos esperar um grande número de mulheres apóstolas em Escritura, mas se tivermos pelo menos uma mulher apóstola, sua ocorrência confirmaria nossa suspeita (com base em Débora e no que observei das profetisas) de que uma mulher poderia ocupar esse cargo.^[11]

Paulo não distribui o título levemente; ele aplica o título explicitamente apenas a um punhado de líderes em sua época, além dos Doze e (frequentemente) a si mesmo (1 Cor. 9: 5-6; Gal. 1:19; cf. 1 Tess. 2: 5 com 1: 1). Mas também não restringe o título aos Doze; na verdade, ele o distingue claramente deles (1 Cor. 15: 5-7). Até Lucas, que geralmente restringe o termo aos Doze, permite isso para Paulo e Barnabé em pelo menos uma passagem (Atos 14: 4, 14). Por “apóstolos” não quero dizer aqueles que escrevem as Escrituras ou falam com autoridade canônica; a maioria dos apóstolos não contribuiu para a Bíblia, nem todos os escritores do NT foram apóstolos. Mas uma pesquisa de cada uso de “apóstolo” no NT (uma pesquisa que fiz, mas só posso resumir aqui) inclui, na maioria dos casos, autoridade especial que resultou de uma comissão especial e mensagem (em vez de autoridade puramente administrativa), um ministério que normalmente inclui sinais e maravilhas e abre novos caminhos para o reino de Deus (seja na fundação da igreja de Jerusalém ou de outras igrejas).

Em Romanos 16: 7, Paulo fala de Andrônico e Júnia, que são “notáveis entre os apóstolos” (KJV). Alguns acham que “notáveis entre os apóstolos” significa simplesmente que os apóstolos pensavam bem deles. Embora essa posição seja gramaticalmente possível, em nenhum lugar Paulo se refere aos “apóstolos” como um grupo a cuja opinião ele apela. Na verdade, o senso mais natural e comum de “entre” um grupo significa que eles são membros desse grupo (ver, por exemplo, Rom. 1:13; 8:29), portanto, aqui “apóstolos bem conhecidos”, que era como os pais gregos (e a maioria dos estudiosos modernos) usam a frase. De forma menos persuasiva, alguns tentam contornar a implicação desta frase argumentando que são um tipo especial de apóstolo sem autoridade, como os “mensageiros do igrejas” em 2 Coríntios 8:23 (KJV; cf. também Fp 2:25). Essa tentativa também tem pouco a elogiá-la; por um lado, não sabemos que os “mensageiros das igrejas” careciam de autoridade (eles provavelmente eram frequentemente companheiros do ministério de Paulo – cf. Atos 20: 4). Mais importante, é uma metodologia interpretativa inapropriada ler um significado mais específico em uma frase do que seu uso nesse contexto e situação justifica. Paulo não qualifica “apóstolos” em Romanos 16: 7 como “apóstolos das igrejas” ou “seus

apóstolos”, e em qualquer outro lugar no NT onde a frase permanece sem qualificação, ela se refere a apóstolos com posição. Paulo os elogiaria por serem algo menos do que um apóstolo não qualificado significa em todos os outros exemplos do NT e ainda esperar que os cristãos romanos entendam o que ele quer dizer? Uma maneira ainda menos plausível de contornar o fato de Júnia ser um apóstolo é alegar que Junian (a forma de objeto direto da Júnia feminina comum, não de Junius masculino) é realmente uma contração para o nome masculino Juniano. Mas essa contradição nunca aparece na literatura grega (incluindo nas inscrições de Roma). Na verdade, por causa da forma como os nomes latinos são transcritos para grego, Júnia gramaticalmente não pode ser nada além do nome de uma mulher aqui, embora muitos estudiosos anteriores não tenham percebido isso.[\[12\]](#)

A única razão pela qual alguém negaria que Júnia é uma mulher aqui, contra a leitura normal do texto, é a suposição de que Paulo não pode descrever uma mulher como apóstolo. Se soubermos que Paulo nunca permitiria que uma mulher fosse apóstola, poderíamos ser forçados a inferir que Júnia não é o que Paulo normalmente entende por apóstolo e que talvez se esperasse que os crentes romanos soubessem o que ele quis dizer com base em seu conhecimento de Júnia. Mas tal argumento meramente assume que alguém espera provar, pois nada no próprio texto aponta para Júnia sendo outra coisa senão uma mulher apóstola, como até mesmo o pai da igreja posterior, João Crisóstomo, reconheceu. No mínimo, aqueles que negam o ministério público das mulheres devem admitir que a leitura mais simples de Romanos 16: 7 é um caso “difícil” para sua posição, como muitos igualitários admitiriam que a leitura mais simples de 1 Timóteo 2: 11-12 é para eles.

Porque um homem solteiro e uma mulher trabalhando juntos (como este casal aparentemente faz) geraria escândalo, Andrônico é provavelmente irmão de Júnia ou, muito mais provavelmente naquela cultura, seu marido. Sabemos que alguns apóstolos casados levaram suas esposas com eles quando viajaram (1 Cor. 9: 5), mas este texto afirma mais do que ela simplesmente viajou com ele. O título compartilhado indica que ela realmente compartilhou seu ministério de uma maneira especial, da mesma forma que muitos casais em outras profissões também trabalharam juntos.[\[13\]](#)

Trabalhadores na Palavra (Rom. 16: 1-12; Fp. 4: 2-3)

Embora hoje muitas vezes pensemos no ministério especialmente em termos de pastores seniores, apóstolos e profetas foram, em certo sentido, os ministros de mais alto escalão da igreja do NT; sempre que Paulo os lista entre os dons ou ministérios, ele os lista primeiro, inclusive na única ocasião em que enumera alguns ministérios (1 Coríntios 12:28). Como observarei mais tarde, eles eram mais proeminentes do que os pastores locais e, pelo menos em algumas igrejas, “profetas e mestres” aparentemente eram os pastores (Atos 13: 1). Voltarei ao assunto mais tarde, mas por enquanto, deixe-me observar que as mulheres são mencionadas em alguns dos mais altos cargos do cristianismo primitivo e são abundantes, pelo menos, como profetisas. Embora menos dramático do que o testemunho dos papéis proféticos e apostólicos, duas passagens fornecem mais evidências de seu ministério na palavra de Deus – Romanos 16: 1-12 e Filipenses 4: 3. Especialmente na passagem anterior, Paulo emprega os mesmos termos para descrever o ministério das mulheres que ele comumente usa para descrever o dos homens.

Paulo transmite saudações pessoais a mais homens do que mulheres em Romanos 16. Alguns insistem que o maior número de ministros homens no NT sugere que o ministério é uma vocação exclusivamente masculina, então, quando chegamos a uma discussão sobre Romanos 16, às vezes brinco com meus alunos que devemos cumprimentar apenas os homens em público. Mas embora Paulo cumprimente mais homens do que mulheres aqui, ele elogia os ministérios das mulheres com muito mais frequência do que os ministérios dos homens.[\[14\]](#) Ele recomenda para o ministério a maioria das mulheres que cita, mas menos de um quarto dos homens. (Às vezes digo aos meus alunos que, com base nessa recomendação, deveríamos instituir uma cota em que a maioria dos ministros deveria ser mulher! Estou, é claro, só brincando para provocar algumas observações interpretativas.) Paulo pode muito bem estar deixando sua maneira de elogiar as mulheres porque, em uma cultura tendenciosa contra seu ministério, elas precisavam de encorajamento especial. Mas eu uso o fato da maior porcentagem de mulheres elogiadas para ilustrar como nossas conclusões sobre o ministério das mulheres muitas vezes se origina de textos específicos que lemos mais de perto.

A natureza de alguns dos ministérios recomendados em Romanos 16 é ambíguo: Maria, Trifena, Trifosa e Pérsides “trabalharam arduamente no Senhor” (vv. 6, 12). Esta frase implica ministério, provavelmente especialmente em evangelismo e discipulado (1 Coríntios 15:10; Gálatas 4:11; Fp 2:16; Colossenses 1:29). Não precisa conotar autoridade administrativa (o assunto mais frequente de debate hoje), embora a linguagem não descarte essa possibilidade (1Co 16:16; 1Ts 5:12; 1Tm 5:17; 2 Tim. 2: 6). Eu afirmo essas conclusões com cautela, mas deve-se notar que a mesma linguagem é usada para muitos ministros do sexo masculino no Novo Testamento e, portanto, nossas conclusões sobre os ministérios de ambos os sexos devem ser igualmente cautelosas. Que Evódia e Síntique compartilharam a luta de Paulo pela causa do evangelho em Filipos (Fp 4: 2-3), da mesma forma implica seu envolvimento no ministério, provavelmente evangelismo, embora este seja um chamado pelo qual todos os crentes são responsáveis (1:27). Priscila e seu marido, Áquila, são “colaboradores” de Paulo (Rom. 16: 3), um termo frequente nas cartas de Paulo. Ele o aplica especialmente àqueles que compartilharam seus labores ministeriais (v. 9; 1 Cor. 3: 9; Fp 4: 3; Col. 4:11) – incluindo companheiros itinerantes como Timóteo (Rm 16:21; 1 Tes. 3: 2), Tito (2 Cor. 8:23), Epafrdito (Fil. 2:25) e outros (Fil. 24), bem como líderes de igrejas domésticas como Filemom (Filem. 1). O possível sentido mais geral do termo (“trabalhar com você” [2 Cor. 1:24]) não se encaixa no elogio particular desta passagem. Outras passagens podem preencher mais alguns detalhes do ministério desta equipe casada, que incluiu instruir ministros e liderar uma igreja doméstica (Atos 18:26; 1 Coríntios 16:19; cf. Fm. 1-2).

A natureza de certos ministérios femininos em Romanos 16 é mais clara. Júnia era, como observei acima, um apóstolo (v. 7), provavelmente como parte de uma equipe apostólica marido e mulher. O capítulo começa com a menção de Febe, que levou a carta de Paulo a Roma, portanto funcionando claramente como agente de Paulo. Dada sua recomendação, é possível que Paulo espere que ela seja capaz de explicar aos cristãos romanos detalhes de sua carta se ela for questionada (vv. 1–2), como os portadores das cartas às vezes eram.[\[15\]](#) Ela teria sido qualificada para responder a perguntas sobre o conteúdo do ensino de Paulo naquela carta? Paulo fornece suas qualificações. Ela dependerá da hospitalidade dos cristãos romanos, mas forneceu tal hospitalidade a muitos outros (v. 2); o termo usado para ela fornecer ajuda normalmente se refere a patronos, incluindo patrocinadores de grupos religiosos que se reuniam em casas ricas. Em inscrições antigas, cerca de 10 por cento desses patrocinadores eram mulheres, e Paulo não tem objeções à igreja de continuar com essa prática. Febe é uma mulher abastada – provavelmente uma mulher de negócios, talvez uma viúva ou liberta – em cuja casa a igreja poderia se reunir (de forma semelhante a Ninfa em Colossenses 4:15). O responsável pelos edifícios da sinagoga desempenhou um papel importante na sinagoga, e a maioria dos anfitriões de igrejas domésticas ocupou cargos de destaque nas igrejas.

Uma posição de destaque e responsabilidade pode não exigir necessariamente que Febe explique as Escrituras, então vamos examinar Romanos 16: 1, onde Paulo a chama de *diakonos* da igreja em Cencreia, a cidade portuária de Corinto no Mar Egeu. O termo traduzido

como “servo” aqui (NIV; TNIV, “diácono”) é um termo que Paulo às vezes usava para Jesus (15: 8), mas na maioria das vezes para o próprio Paulo (2 Coríntios 11:23; Efésios 3: 7; Colossenses . 1:23, 25), seus outros ministros da palavra (Ef. 6:21; Col. 1: 7; 4: 7), ou Paulo e outros ministros da palavra juntos (1 Cor. 3: 5; 2 Cor. 3: 6; 6: 4). O termo pode significar “diácono” (Fp.1: 1; 1 Tim. 3: 8, 12) – mas o NT em nenhum lugar define especificamente o que este título significa. Pode estar relacionado ao uso mais comum de *diakonos* (ministério da palavra mencionado acima). No entanto, aqueles que ocupam o cargo de “diáconos” devem estar comprometidos com a sã doutrina (1 Timóteo 3: 9), então não podemos descartar que mesmo eles possam ter ensinado outros, mesmo que possuam um cargo diferente do uso normal de Paulo. Mas não há razão para fazer o termo aqui significar algo diferente de seu sentido mais comum em Paulo (e seu sentido quase exclusivo em Paulo neste período de seus escritos).

Algumas igrejas hoje redefiniram o papel de Febe como diaconisa em um nível de autoridade inferior ao dos diáconos, mas Paulo não emprega nenhuma forma feminina especial de *diakonos* aqui. Não há razão para supor que Paulo queira dizer com o título de Febe algo diferente do que ele normalmente entende pelo termo (isto é, um ministro da mensagem de Deus, como o próprio Paulo) – a menos que pressuponhamos que ele não permite o ministério de mulheres (lendo uma interpretação de outra passagem para esta).^[16] Mas, como observei, ele claramente permite às mulheres algum ministério de falar como profetas e, muito provavelmente, pelo menos às vezes como apóstolos. É natural que a maioria dos companheiros ministros de Paulo, especialmente seus companheiros de viagem, como Timóteo e Tito, seriam homens; mas o fato de que Paulo pode empregar o mesmo título para uma mulher desafia o preconceito de que as mulheres não podem preencher os mesmos tipos de funções ministeriais.

Alguém poderia argumentar que, porque Paulo instrui as mulheres a ensinarem as mulheres (Tito 2: 3-4), seu outro conselho sobre o ministério das mulheres se aplica apenas a ministrar às mulheres. Dadas as condições sociais do primeiro século, suspeito que na evangelização e no ensino, as colaboradoras de Paulo provavelmente suspeito que na evangelização e no ensino, as colaboradoras de Paulo provavelmente ministravam regularmente, tanto privada quanto corporativamente, a outras mulheres – embora existam algumas exceções explícitas (Atos 18:26, por exemplo, que pelo menos permite que um casal seja tutor particular de uma pessoa importante (ministro!).^[17] Mas dado o que sabemos sobre as igrejas caseiras, também é impossível restringir completamente o ministério das mulheres da mensagem de Deus dessa maneira, mesmo no primeiro século. Mulheres e homens se reuniam na maior sala das igrejas domésticas e, mesmo que estivessem sentados separadamente (uma situação para a qual não temos evidências anteriores), dificilmente seria possível para as mulheres orarem e profetizarem sem que os homens as ouçam!^[18]

Se não lermos 1 Timóteo 2 nos textos anteriores, cujo leitores originais não tiveram acesso à primeira carta de Paulo a Timóteo, não temos razão para duvidar que Paulo aceita mulheres no ministério. Paulo descreve os ministérios das mulheres na mesma linguagem que ele usa para descrever os dos homens.

Paulo permite apenas algumas funções ministeriais?

Alguns argumentam que 1 Timóteo 2 (tratado abaixo) proíbe nem todo tipo de papel de ensino bíblico, mas apenas os tipos de ensino exercidos “com autoridade”, a saber, o de pastor titular. Assim, as mulheres podem ensinar na escola dominical; dirigir o departamento de educação cristã; e fazer ministério jovem, ministério de adoração, trabalho de evangelismo, ministério comunitário e ministério de aconselhamento – virtualmente qualquer coisa, exceto estar “no comando”. Porque em muitos círculos a maioria das mulheres no ministério não são pastoras seniores de qualquer maneira, esta perspectiva pode estar mais próxima na prática daquele que aceita todos os ministérios da mulher do que daquele que restringe todos os ministérios da mulher. (Na verdade, quando um pastor sênior do sexo masculino propõe essa visão, ele geralmente não está restringindo os ministérios das mulheres em sua congregação em particular, porque em sua congregação ele mesmo ocupa a posição de pastor sênior.)

Mas esta visão realmente representa uma espécie de acomodação entre a tradicional posição restritiva e a costumeira posição igualitária. O problema com essa acomodação, é claro, é que as palavras em 1 Timóteo restringem as mulheres de falar completamente; quer leiamos ou não este texto como uma proibição universal, o texto não diz nada sobre os pastores seniores. A maneira mais provável de entender a gramática de 2:12 não é que as mulheres não possam ensinar de uma forma autorizada (como eu fiz uma vez), mas que elas não podem ensinar ou ter (ou usurpar) autoridade, como alguns estudiosos complementaristas argumentaram.^[19] Uma vez que você protesta que Paulo não pretendia proibir toda fala, você já levantou a questão interpretativa do que ele realmente quis dizer em seu contexto histórico e como pode ser aplicado em nosso contexto hoje.

Considere alguns dos problemas com esta posição mediadora, próxima como é em muitos aspectos de uma posição totalmente igualitária. Em primeiro lugar, não é, como já observei, uma descrição do que este texto diz, tomado por seu real valor e sem apelo à situação local, não mais do que a posição igualitária plena. O texto não menciona especificamente pastores seniores; antes, parece sugerir todos os tipos de ensino (da Bíblia) e todos os tipos de autoridade. Chega de professores de escola dominical em classes de gênero misto! Mas se as palavras do texto devem ser qualificadas, o que impede alguém de qualificá-las para uma posição igualitária plena, o que torna os outros textos que examinamos mais fáceis de explicar?

Segundo, reduzir este texto à questão de posição ou autoridade não responde à pergunta de outros textos que parecem apoiar o ministério das mulheres. Paulo parece pensar que apóstolos e profetas são os líderes mais graduados no corpo de Cristo (1 Cor. 12:28; Ef. 4:11; cf. Rom. 12: 6), mas ele aparentemente endossa uma apóstola (Rom. 16: 7) e certamente endossa as profetisas (1 Cor. 11: 5; cf. Atos 2: 17-18; 21: 9). Pelo menos em circunstâncias excepcionais, algumas profetisas detinham autoridade administrativa suprema (Juizes 4: 4). Uma vez que admitamos que, pelo menos em circunstâncias excepcionais, as mulheres podem exercer autoridade, estamos nos movendo em direção à terceira e quarta visão articulada no início deste capítulo.

Finalmente, esta visão corre o risco de impor uma compreensão moderna da liderança da igreja no cenário do NT. Apenas uma pequena parte do que a Bíblia ensina sobre ministério realmente se concentra nos pastores. Além do mais, “pastores seniores” não exerciam o mesmo tipo de autoridade nos dias de Paulo que a maioria exerce hoje.

Normalmente, as igrejas locais nos dias de Paulo mantinham no máximo cerca de cinquenta membros, uma vez que se reuniam em casas. Em média, cinquenta membros provavelmente representavam várias famílias e vários indivíduos que compareceram sem família, reunidos na espaçosa casa de uma família bem dotada. Os líderes da igreja eram escolhidos entre os membros e, seguindo o modelo das sinagogas, as igrejas provavelmente tinham uma pluralidade de presbíteros (Atos 13: 1; 14:23; 1 Tim. 4:14; 5:17; Tito 1: 5), que também eram chamados de “superintendentes” (Atos 20:17, 28; Tito 1: 5, 7; provavelmente 1 Pedro 5: 1-2). Portanto, é possível que uma porcentagem significativa de líderes de família também estivesse em algum tipo de liderança da igreja! Nossa ênfase moderna na

autoridade pastoral pode traduzir nossa situação moderna nas primeiras igrejas domésticas cristãs. Muitas professoras da escola dominical podem de fato estar exercendo mais autoridade de ensino hoje do que muitos anciãos do primeiro século!

O ideal de Paulo para a igreja era que todos exercessem seus dons espirituais nessas igrejas domésticas (1 Coríntios 14:26). Entre esses dons, Paulo enfatiza a profecia não menos do que o ensino (v. 1). (Para ter certeza, a profecia pode ser abusada, pois “profetizamos em parte”, mas o mesmo pode acontecer com o ensino, pois também “sabemos em parte” [13: 9, 12].) Os pastores tiveram papéis muito importantes como supervisores nas congregações locais, mas parece duvidoso que eles exerceram o tipo de autoridade que os pastores exercem em muitas igrejas evangélicas modernas. Isso não quer dizer que todas as igrejas devam introduzir novamente as formas específicas de liderança eclesiástica praticadas no primeiro século. A igreja primitiva frequentemente adaptava formas de liderança da sinagoga e usava estruturas que melhor se adaptavam à sua cultura; nossa situação difere da deles, assim como o que é prático para aplicar em nosso ambiente. Mas muitos aspectos dos papéis de gênero também mudaram em nossa cultura, e devemos levar isso em consideração quando considerarmos formas de liderança apropriadas.

Na cultura greco-romana e no ambiente da igreja doméstica, é dificilmente surpreendente que a maioria dos líderes na igreja eram homens – provavelmente na maioria das vezes homens mais velhos que eram chefes respeitados de famílias estáveis (1 Timóteo 3: 2-5; 5: 17-19).[\[20\]](#) Ao mesmo tempo, não sabemos se todos os líderes da igreja eram chefes de família mais velhos – o próprio Paulo não era, e Timóteo era jovem (4:12; de Atos podemos deduzir que ele devia estar na casa dos trinta).

Além disso, embora não tenhamos mulheres pastoras nomeadas no NT, no sentido mais específico, também não temos pastores homens nomeados. Para ter certeza, sabemos que a maioria dos anciãos era do sexo masculino (1 Tim. 3: 2), mas esta parece ser a suposição do texto (refletindo uma dada situação cultural), em vez de sua exortação: Paulo pode ter especificado a infidelidade conjugal na linguagem aplicável à maioria dos idosos em sua época. Novamente, é duvidoso que os leitores antigos considerassem o próprio Paulo literalmente o marido de uma só mulher (ou um “homem de uma só mulher”), mas como líder da igreja ele se encaixava no sentido básico da exigência, porque ele não era infiel à esposa.[\[21\]](#)

Além deste texto, temos os nomes de alguns dos homens companheiros de Paulo de viagem que ele designou para supervisionar as igrejas locais e os líderes da igreja em certas áreas – homens como Timóteo e Tito. Mas Paulo vivia em uma cultura em que companheiras de viagem seriam um escândalo, portanto contraproducentes para pregar o evangelho.[\[22\]](#)

No entanto, os termos mais comuns que Paulo usa para descrever a si mesmo e a seus companheiros de trabalho – *diakonos* (1Co 3: 5; 2Co 3: 6; 6: 4; 11:23; Efésios 3: 7; 6: 21; Colossenses 1: 7, 23-25; 4: 7) e *sinergos* (“cooperador” [cf. Rom. 16: 9, 21; 1 Cor. 3: 9; 2 Cor. 1:24; 8 : 23]) – ele também usa para descrever colegas mulheres, embora elas provavelmente não tenham viajado com ele (Rm 16: 1, 3; talvez Fp 4: 3). Outras frases que ele usa para descrever seus colegas homens ele também aplica a algumas mulheres em Romanos 16, como vimos (“trabalhe duro” nos vv. 6, 12; cf. 1 Coríntios 16:16; 1 Tes. 5:12) Podemos enquadrar nossas questões de forma tão restrita que excluamos o valor da evidência que temos (como os estudiosos frequentemente fazem para provar uma variedade de posições), mas a evidência que temos é certamente abundante quando consideramos que vem de documentos ocasionais. As mulheres desempenhavam essas funções ministeriais com menos frequência do que os homens, mas elas as desempenhavam. Se Paulo reconhece as mulheres apóstolas e profetas, que comunicam a palavra de Deus com autoridade,[\[23\]](#) precisamos supor que ele rejeitou todas as pastoras – especialmente porque não é isso que ele realmente diz?

Por que mais homens do que mulheres?

Alguns permitem que as mulheres possam ministrar em circunstâncias excepcionais, mas argumentam que a liderança masculina na igreja é a norma. Aqueles que defendem essa visão muitas vezes permitem que todas as ministras bem-sucedidas que conhecem sejam “exceções” e, portanto, não restringem o ministério das mulheres. Na prática, então, aqueles que mantêm essa posição tecnicamente não igualitária podem funcionar como igualitários. No entanto, é importante considerar a questão que eles levantam:

Se Deus apoia o ministério das mulheres, por que a maioria dos ministros na Bíblia são homens? A pergunta é legítima, mas algum conhecimento do mundo bíblico é útil para respondê-la. As condições sociais afetam tanto as respostas das pessoas ao chamado de Deus quanto as áreas para as quais Deus as chamará para o ministério mais eficaz. Assim, por exemplo, a maioria das mulheres que Paulo menciona que compartilham com ele o evangelho de alguma forma (além da profecia, que parece mais difundida) estão em Roma ou Filipos (Rm 16: 1-12; Fp 4: 3) – locais em que as mulheres parecem ter exercido maior mobilidade social do que na Grécia ou em muitas partes da Ásia Menor urbana influenciada pela cultura helenística.[\[24\]](#)

Algumas pessoas questionam por que Jesus, que muitas vezes mostrou ser contracultural, escolheu apenas homens para seus doze discípulos mais proeminentes. Jesus foi de fato contracultural na promoção do status das mulheres (Lucas 8: 1-3; 10: 38-42), mas mesmo Jesus não desafiou diretamente todos os detalhes de sua cultura, escolhendo seus trabalhadores mais próximos de forma mais estratégica para a cultura que pretendia alcançar. Nenhum dos Doze era gentio, escravo ou, até onde sabemos, camponês ou mesmo judeu. A maioria era galileu, e os cinco cujas ocupações conhecemos aparentemente vinham dos 10 por cento das ocupações mais assalariadas na Galileia.[\[25\]](#) Isso significa que Jesus nunca escolheria os gentios para segui-lo mais tarde? Devemos restringir os ministérios dos gentios hoje ou impor um sistema de cotas para garantir que a maioria dos ministros sejam judeus? Suspeita-se que rapidamente enfrentaríamos uma escassez de liderança em nossas igrejas!

Conclusões em apoio ao Ministério da Mulher

As mulheres aparecem pelo menos ocasionalmente na maioria das posições ministeriais nas quais os homens são atestados com frequência no NT. Paulo normalmente viajava com homens, mas embora muitas vezes mandasse seus companheiros de viagem, ele também podia enviar uma mulher como Febe (Rom. 16: 1-2). A maioria dos apóstolos e profetas eram homens, mas pelo menos um apóstolo e muitas figuras proféticas eram mulheres. Temos poucos líderes específicos de igrejas domésticas nomeados, sejam homens ou mulheres; temos os nomes de alguns em cujas casas os membros da igreja se reuniram, também como os nomes daqueles com títulos como *diakonos* (“servo”, “ministro”) ou *sinergos* (“colega de trabalho”), mas esses proprietários e títulos se aplicam tanto a mulheres quanto a homens.

Não podemos listar muitos pastores seniores com títulos específicos de ambos os sexos no primeiro século, mas se podemos aceitar mulheres como profetas e outras ministras, não há razão para excluí-las do ofício pastoral.

Os homens claramente predominam – mas também o fizeram as pessoas livres e, no período mais antigo, os judeus. Hoje podemos reconhecer um ambiente social diferente – um que permite que mais gentios ministrem; o cenário diferente de hoje também convida mais mulheres a abraçar os papéis que algumas já haviam começado a abraçar no NT.

EVIDÊNCIA BÍBLICA POSSIVELMENTE CONTRA O MINISTÉRIO DAS MULHERES

Se alguém pudesse ganhar o debate sobre o ministério das mulheres simplesmente pelo número de passagens bíblicas que alguém poderia citar, o peso claro do debate favoreceria o ministério das mulheres. Mas para aqueles que consideram a Bíblia inteira como a palavra inspirada de Deus, não podemos descartar nenhuma passagem. Nosso objetivo deve ser entender o que cada um diz em seu contexto histórico, não simplesmente contar textos. Dois textos podem ser usados para proibir o ministério das mulheres, dos quais um (e apenas um) aborda explicitamente o ministério das mulheres em particular. Embora este seja de fato bastante explícito, se significar tudo o que poderia significar, representaria um afastamento radical de tudo o mais que Paulo ensinou sobre o assunto – e restringiria as mulheres ainda mais do que as vozes mais conservadoras de hoje sobre o assunto.

Uma pergunta que essa aparente contradição convida é a seguinte: essas passagens poderiam ter abordado situações específicas?

Essas passagens podem abordar situações específicas?

Algumas pessoas concluem que devemos aceitar como transcultural tudo o que Paulo diz, independentemente das situações que o motivaram. Eles estão parcialmente certos. Tudo o que a Bíblia diz é para sempre; mas nem tudo que a Bíblia diz é para todas as circunstâncias, e não há um único cristão no mundo hoje, independentemente de seus pontos de vista sobre a questão das mulheres no ministério, que aplica todos os textos a todas as circunstâncias – nem mesmo todas as coisas simples comandos.

Nossos antecedentes teológicos muitas vezes moldam o que caracterizamos como cultural. Assim, um estudioso não igualitário (um estimado amigo meu) citou aprovadamente meu tratamento das coberturas para a cabeça em 1 Coríntios 11: 2-16 (pelo qual sou grato), reconhecendo que coberturas para a cabeça não são um requisito transcultural. Ele então, curiosamente, negou sem debate que alguém pudesse se aproximar de 1 Timóteo de maneira semelhante (o que apresenta um argumento idêntico a partir da ordem da criação!)

Outros, de forma mais consistente, não apenas proíbem as mulheres de ensinar, mas exigem que usem coberturas na cabeça para ir à igreja em todas as culturas. Quase metade dos meus alunos em uma classe no norte da Nigéria, onde o véu é parte da cultura, tinha essa opinião, então, depois que eles terminaram de debater com a outra metade, perguntei por que nenhum deles me cumprimentou com um beijo sagrado – e eles riram! O beijo santo é uma ordem explícita repetida nas Escrituras cinco vezes mais frequentemente do que cobrir a cabeça (Rom. 16:16; 1Co 16:20; 2Co 13:12; 1Ts 5:26; 1Pedro 5: 14), mas a resposta usual é: “Essa foi apenas uma forma cultural de saudação”. De fato, era, mas cobrir a cabeça (tecnicamente, todo o cabelo) também era meramente uma expressão cultural de modéstia sexual, como pode ser demonstrado por um grande número de fontes antigas.^[26] No entanto, alguns de meus alunos quase chamaram outros alunos de “liberais” porque não insistiam em cobrir a cabeça como um requisito transcultural! Quem determina onde traçar a linha? Todo mundo é liberal que considera cultural algo que consideramos transcultural?

Mas alguns exigem saber se Paulo poderia ter abordado uma situação específica em termos tão amplos e abrangentes. Quando alguém lê o resto das cartas de Paulo, só pode responder: “Definitivamente!” Paulo escreve regularmente na linguagem e nas figuras de linguagem de sua época; ele também usa imagens culturais pressupostas em sua época.^[27] Mais especificamente, as cartas de Paulo estão cheias de declarações que são específicas do local e não podem ter significado fora da situação local.^[28] Às vezes, Paulo até mesmo alude a assuntos conhecidos apenas para as congregações locais (ver, por exemplo, 1 Cor. 1:16; 3: 4-6; talvez 15:29; 2 Tessalonicenses 2: 5).

Para ter certeza, as cartas de Paulo estão cheias de princípios diretamente aplicáveis a situações de hoje; as práticas de reclamar e discutir, por exemplo, provavelmente não são muito diferentes hoje do que eram quando Paulo escreveu aos Filipenses. Ao mesmo tempo, outras passagens requerem alguma sensibilidade à situação original para poder traduzir os princípios em nossa situação contemporânea – assuntos como coberturas para a cabeça ou comida oferecida a ídolos, por exemplo. Mesmo nesses casos, Paulo trabalha com princípios transculturais, mas ele os articula de maneiras específicas que abordam situações, e se escolhermos ignorar essas situações quando interpretamos seus escritos, segue-se que devemos cumprimentar uns aos outros com beijos sagrados na igreja (de acordo com os antigos costumes da família, podem ter sido frequentemente beijos leves nos lábios) ou arriscar desobedecendo aos apóstolos!

Algumas pessoas concluem que, embora alguns textos sejam específicos de uma cultura, os textos que fornecem ordenanças específicas são universalmente aplicáveis.^[29] Eu responderia que toda a Escritura é universalmente aplicável (2 Timóteo 3:16). Mas toda a Escritura também é articulada de maneiras específicas a cultura e ao idioma (por exemplo, em hebraico ou grego). Muitas vezes, os escritores bíblicos abordaram situações específicas em igrejas específicas, convidando-nos a ler suas cartas como estudos de caso que se aplicam diretamente a situações específicas, para que possamos identificar seus princípios universais mais indiretos, que então replicaremos em outras situações.

A inspiração não muda o gênero da escrita ou o tipo de literatura. Salmos ainda são salmos, narrativa ainda é narrativa e epístolas ainda são epístolas. As cartas pastorais, como os sermões dirigidos às congregações locais, podem conter exortações universais e específicas da cultura lado a lado; isso deve ser verdade, sejam eles inspirados ou não.

Esse caráter do gênero das cartas pastorais parece evidente. Considere o seguinte: às vezes escrevo cartas de exortação contendo principalmente princípios universais que também são relevantes para a situação particular que estou abordando. Ainda assim, nessas mesmas cartas, posso incluir algumas exortações diretamente relevantes apenas para as situações que estou tratando especificamente. A menos que eu escreva conscientemente com a expectativa de que haverá outros leitores futuros que estão fora da situação particular, posso nunca parar para diferenciar minhas exortações universais e específicas para cada situação. Porque pretendo que todas as minhas exortações sejam relevantes para meu público imediato, não escrevo esses dois tipos de exortações de maneiras diferentes, nem as explico em formas literárias diferentes. Um leitor mais próximo pode, portanto, distinguir o que eu pensei que estava apenas reconstruindo a situação e comparando meus outros escritos que abordaram situações específicas. Portanto, é significativo que a Bíblia sempre retrate as atitudes de insatisfação e o comportamento homossexual como errados; comer comida sacrificada aos ídolos como muitas vezes errada; e a autoridade das mulheres como ministras da palavra como às vezes limitado, mas às vezes recomendado,

conforme observado acima.[\[30\]](#)

Paulo fornece muitos comandos diretos que não observamos hoje e alguns que não podemos cumprir. Quantos cristãos hoje colocam dinheiro na poupança no primeiro dia de cada semana para uma coleta para os santos em Jerusalém (1 Cor. 16: 1-3)? Paulo ordena que seus leitores recebam Epafrodito (Fp 2:29), mas porque Epafrodito não vive mais, não podemos cumprir esse mandamento literalmente. Paulo exorta seus leitores a orar por ele e seus companheiros (2 Tess. 3: 1-2), mas nós que rejeitamos a oração pelos mortos não podemos cumprir esta ordenança hoje. Em vez disso, aprendemos com essas passagens princípios gerais sobre como dar generosamente, ser hospitaleiro e orar pelos servos de Deus.

Uma aplicação transcultural deve ser absurda antes que possamos limitá-la? Ou esses exemplos “absurdos” apontam a maneira como devemos consistentemente ler as cartas de Paulo? Afirmar que apenas as passagens obviamente limitadas culturalmente são de fato culturalmente limitadas é simplesmente levantar a questão dos métodos de interpretação. Quando os proprietários de escravos liam a ordem de Paulo para que os escravos obedecessem a seus senhores (Efésios 6: 5), eles não achavam essa ordem absurda para outros ambientes, então a tomaram como um endosso transcultural da escravidão.[\[31\]](#) Porque Paulo sempre procurou ser sensível as situações de seus leitores (1 Cor. 9: 19-23; 10: 31-33), não ousamos presumir que todo mandamento se aplica a todas as circunstâncias.[\[32\]](#)

Primeira Coríntios 14: 34-35

Esta passagem ordena “silêncio” sem especificar explicitamente o silêncio a ser abordado. Se significa silêncio em todas as situações (a maneira como devemos interpretar se não podemos levar em conta a situação), então as mulheres não podem cantar no coro, cantar na congregação, orar em voz alta ou profetizar.

O que quer que mais Paulo queira dizer, no entanto, ele não pode significar silêncio completo, porque no início da mesma carta ele permitiu que as mulheres orassem e profetizassem (11: 5); muito provavelmente ele também permitiria que cantassem (14:15, 26; cf. Ef 5:19; Colossenses 3:16). Então, que tipo particular de discurso ele está restringindo?

Os intérpretes abordaram essa passagem de uma variedade de ângulos, que examinei e abordei detalhadamente em outro lugar.[\[33\]](#) O contexto pode sugerir dons espirituais, mas, como observei, Paulo permitiu que as mulheres profetizassem (1 Coríntios 11: 5). Alguns sugeriram que Paulo se opõe às mulheres que avaliam outras profecias, mas essa proposta faz pouco sentido tanto para o texto em si (que fala em fazer perguntas) quanto para a sugestão de Paulo de que todos os que profetizam devem participar da avaliação das profecias (14:29). Alguns sugeriram que a passagem significa que as mulheres não podem ensinar, mas nada no contexto ou em outro lugar na correspondência de Paulo aos coríntios indica que este é o problema que ele está tratando aqui.

O problema parece não ser as mulheres *ensinando*, mas sim que as mulheres estão *aprendendo* – com barulho. A menos que Paulo mude o assunto do silêncio geral das mulheres na igreja (v. 34) para suas perguntas para aprender (v. 35, primeira parte) e depois de voltar ao silêncio geral das mulheres na igreja (v. 35, última parte), Paulo está abordando suas perguntas na igreja em um esforço para aprender. Que as duas ideias estão conectadas fica claro na gramática do versículo 35; ele baseia o silêncio das mulheres em relação às perguntas na declaração (*gar* [“por”]) de que é “vergonhoso” (um termo que pode significar culturalmente impróprio) para as mulheres falarem na igreja.

Em todo o mundo mediterrâneo do primeiro século, esperava-se que os novatos aprendessem silenciosamente, mas esperava-se que os alunos avançados interrompessem todos os tipos de palestras públicas com perguntas.[\[34\]](#) O que havia de errado com as mulheres interrompendo com perguntas? Talvez a questão fosse o testemunho da igreja em termos de propriedade cultural; era culturalmente vergonhoso para as mulheres fazerem perguntas.[\[35\]](#) (Suas profecias provavelmente não seriam mais culturalmente incomuns do que as dos homens.)

Mas por que era vergonhoso para as mulheres fazerem perguntas? Talvez seja por causa do papel de submissão comumente esperado de seu gênero na antiguidade;[\[36\]](#) se concluirmos que esse era o raciocínio de Paulo, não exigiria que impedíssemos as mulheres de fazer perguntas hoje. Outra possibilidade (e parcialmente compatível), entretanto, é que eles estivessem fazendo perguntas não aprendidas. Enquanto perguntas em palestras públicas eram esperadas, a literatura antiga testemunha que perguntas não aprendidas eram consideradas tolas e rudes – e as mulheres geralmente possuíam educação inadequada e, na maioria das vezes, eram iletradas. (Embora sempre tenha havido exceções, qualquer pessoa que leu várias páginas da literatura antiga sem ler simplesmente as exceções coletadas reconhecerá que, na grande maioria dos casos, os homens tinham mais letramento do que as mulheres da mesma classe social).[\[37\]](#) As mulheres judias podiam aprender a lei ouvindo na sinagoga, mas, na esmagadora maioria dos casos, não eram treinadas nisso. Ao contrário dos meninos, as meninas normalmente não aprendiam a recitar a Torá. Na igreja da primeira geração em Corinto, a maioria das mulheres eram noviças e, portanto, obrigadas a aprender em silêncio.

A solução de curto prazo de Paulo, então, é pedir as mulheres o fim das perguntas públicas. (Este não seria o único lugar onde Paulo se dirigiria a um grupo – até mesmo gênero – com uma regra geral, mesmo que não se aplicasse a todos os membros; ver 1 Tim. 4: 7; 5:11, 14; Tito 1: 12.) Ao mesmo tempo, porém, ele oferece uma solução de longo prazo: essas mulheres devem pedir a seus maridos em casa que expliquem as coisas. Na cultura de hoje, isso pode parecer repressivo, mas nos dias de Paulo expressava a atitude oposta.

Escritores antigos testemunharam que a maioria dos maridos achava que suas esposas eram incapazes de aprender as disciplinas acadêmicas. Aqueles que pensavam que os maridos deveriam fornecer aulas particulares para suas esposas que tinham menos oportunidades de educação eram uma minoria mais gradual, e a linguagem de Paulo aqui é mais gradual até do que a maioria deles.[\[38\]](#) Sua solução de longo prazo para serem novatos sem instrução é que eles deveriam ter permissão para aprender, e seus cônjuges devem se comprometer a promover seu aprendizado.

Primeira Timóteo 2: 11-14

Esta passagem faz parte de um conjunto mais amplo de instruções sobre decoro na adoração pública na igreja de Éfeso. Depois de abordar brevemente um problema com os homens (v. 8), Paulo enfoca o que parece ser um problema mais difundido com as mulheres, que recebem adornos externos (vv. 9-10) e, aparentemente, procuram ensinar em vez de aprender (vv. 11-12).

As instruções de Paulo são firmes: as mulheres devem permanecer em silêncio. De novo, se pressionado para significar tudo o que poderia significar, essa demanda proibiria até mesmo o canto no culto público, mas a questão específica em pauta é provavelmente

simplesmente a proibição explícita de ensinar, mas também esta proibição mais específica para significar tudo o que poderia significar, no entanto, as mulheres não deveriam nem mesmo dar aulas de escola dominical nas quais os homens estão presentes. (Embora a maioria das igrejas hoje não se reúna em casas, os santos presumivelmente permanecem a igreja quando e onde quer que se reúnam.) Se Paulo proíbe as mulheres de ter autoridade total ou simplesmente usurpar autoridade (o que também seria proibido para os homens) permanece uma questão de debate.^[39] Em contraste com minha posição anterior sobre esta questão, no entanto, acredito que Paulo provavelmente proíbe não apenas “ensinar com autoridade”, mas tanto em ensinar a Escritura em tudo quanto ter (ou usurpando) autoridade em tudo. Em outras palavras, as mulheres estão proibidas de ensinar aos homens – ponto final. (Como alguém ensina as Escrituras aos cristãos sem exercer a autoridade envolvida em instruir outros como viver, parece difícil de entender em qualquer caso!)

Esta é uma regra universal? Se assim for, é uma regra com algumas exceções, como para uma equipe marido e mulher ensinando um aluno ministerial (Atos 18:26) e para declarações dirigidas pelo Espírito, como profecia (1 Coríntios 11: 4-5), de que as pessoas também podem aprender (14:31). Mas também é possível que este texto seja o excepcional, o que pode ser argumentado se puder ser demonstrado que trata de uma situação particular.

Afinal, se fosse uma regra universal, seria de se esperar que Paulo fizesse uma pausa ao elogiar o ministério das mulheres antes para notar que esses eram casos excepcionais. Também se poderia esperar que Timóteo, que havia trabalhado com Paulo por muitos anos, já estivesse ciente dessa regra, talvez ao contrário da forma como Paulo agora formula suas palavras (“Eu estou permitindo” – tempo presente).^[40]

Em última análise, a questão da universalidade deve ser testada por duas questões: primeiro, existem, de fato, exceções à proibição geral aqui, apesar do fato de que tais exceções iriam contradizer a tendência da cultura mais ampla? Conforme observado acima, há exceções, em contraste com as regras bíblicas genuinamente universais, como aquelas que proíbem o comportamento homossexual. Em segundo lugar, as cartas de Paulo a Timóteo, que está cuidando da igreja em Éfeso, revelam uma situação que suscitaria instruções como essas?

A última pergunta é relativamente fácil de responder. A única passagem da Bíblia que proíbe especificamente as mulheres de ensinar é dirigida à única igreja onde sabemos que os falsos mestres estavam efetivamente visando as mulheres. Um problema principal em Éfeso era o ensino falso (1 Tim. 1: 3-20; 4: 1-7; 6: 6-10, 20-21; 2 Tim. 2: 16-26; 3: 5-13; 4 : 3-4), e os falsos mestres primários (que eram homens – 1 Tim. 1:20; 2 Tim. 2:17) exploravam as mulheres para espalhar seus falsos ensinamentos. Como nós sabemos disso? Se as mulheres, via de regra, fossem menos educadas do que os homens, elas se tornariam uma pessoa natural alvo como aqueles particularmente suscetíveis a tal falso ensino. Assim, não é surpreendente saber que esses falsos mestres tinham como alvo as mulheres nas famílias (2 Timóteo 3: 6), que se mostravam incapazes de aprender corretamente (3: 7; cf. 1 Timóteo 4: 7).

As igrejas se reuniam em lares, então os falsos mestres precisavam de lares grandes que os recebessem; as casas chefiadas por mulheres eram geralmente as de viúvas. Portanto, não seria nada inesperado para algumas viúvas irem de casa em casa espalhando “tolices” (1 Timóteo 5:13). Como Gordon Fee demonstrou para mim, uma pesquisa de cada uso na literatura grega existente da palavra traduzida como “intrometidos” em 5:13 revela que a palavra foi usada para aqueles que falam coisas sem sentido e, em contextos morais e filosóficos, normalmente se refere àqueles que espalham ensinamentos falsos ou impróprios.^[41] Neste caso, como em algumas das outras instruções sociais de Paulo nas Epístolas Pastorais (6: 1; Tito 2: 8, 10), Paulo está preocupado que as impropriedades sociais podem transformar as pessoas longe da verdade eterna do evangelho (1 Tim. 5: 14-15). A igreja estava sendo perseguida e caluniada, e sua reputação era importante para o bem do evangelho.^[42]

Duas objeções são normalmente levantadas neste ponto. a primeira (elevada especialmente em um nível popular) é que, mesmo quando provocadas por situações específicas, as instruções específicas da situação de Paulo devem manter força permanente – ainda assim, ninguém mantém esta posição de forma consistente. O segundo (mantido por estudiosos e leitores populares igualmente) é mais atraente superficialmente, a saber, que Paulo fundamenta seu caso nas Escrituras (2: 13-14); Abordo cada objeção sucessivamente com mais detalhes abaixo.

Ousamos apelar para situações locais para interpretar 1 Timóteo?

Vamos admitir que Paulo trate de uma situação local concreta. Será que ousamos argumentar que ele pode ter dado instruções diferentes para abordar uma situação ou cultura local diferente em outro lugar? Suas cartas a Timóteo nos convidam a levar em consideração as situações específicas abordadas. Quando, no contexto de 1 Timóteo 2: 11-12, Paulo exorta os homens a orar corretamente (v. 8), devemos presumir que Paulo não se importa se as mulheres oram corretamente? Ou devemos supor que, assim como Paulo tinha uma situação específica para tratar com as mulheres (vv. 9-15), ele também tinha um problema específico em mente com relação ao comportamento dos homens de Éfeso (v. 8)?

Se o problema com as mulheres efésias era sua falta de educação e conseqüente suscetibilidade ao falso ensino, o texto nos fornece um exemplo local concreto de um princípio mais geral: as mais suscetíveis ao falso ensino não deveriam ensinar. Mas as mulheres são sempre as mais suscetíveis ao falso ensino hoje? E os intérpretes que insistem em manter o “sentido direto”, sem levar em conta diferenças culturais dramáticas, podem ser consistentes em como aplicam diferentes textos bíblicos? Isto é um ponto crucial no debate; considerando que intérpretes igualitários como Gordon Fee e Catherine Clark Kroeger podem abordar 1 Timóteo 2 com entendimentos radicalmente diferentes dos antecedentes, eles compartilham uma abordagem comum de reconhecer que o histórico de uma passagem pode realmente afetar o significado que encontramos nela.^[43]

Alguns se opõem a esta maneira de abordar 1 Timóteo, mas as epístolas pastorais, como as outras cartas de Paulo, nos convidam a lê-las dessa maneira. Paulo escreve especificamente a Timóteo (1 Timóteo 1: 2; 2 Timóteo 1: 2) e a Tito (Tito 1: 4) nessas cartas. Paulo especificamente deixou Timóteo em Éfeso para se opor àqueles que estavam ensinando falsas doutrinas (1 Timóteo 1: 3), e ele exorta Timóteo a fazer isso de acordo com as profecias que lhe foram dadas (v. 18; 4:14; cf. 2 Timóteo 1: 6); ele também se dirige a falsos mestres específicos (1 Timóteo 1:20) que não vivem mais hoje. Embora Paulo não nos tenha deixado em Éfeso, como fez com Timóteo, nem tenhamos recebido as profecias de Timóteo, existem muitos princípios transculturais aqui para abraçar, como a necessidade de se opor a doutrinas perigosas e dar ouvidos a palavras de sabedoria e profecias devidamente testadas. Mas, novamente, observar que exortações específicas podem ter relevância mais geral não nos permite simplesmente supor que sabemos qual é a relevância transcultural antes de estudarmos a situação cuidadosamente. Quantas considerariam transcultural a advertência de que as viúvas com menos de 60 anos falam tolices (1 Timóteo 5: 11-13) ou de que as fábulas circulam especialmente entre as mulheres mais velhas (4: 7)?

Se devemos seguir todos os mandamentos em 1 Timóteo transculturais, mesmo as igrejas mais conservadoras estão terrivelmente aquém. A maioria não proíbe o consumo exclusivo de água para quem tem problemas de estômago, nem os obriga a usar vinho (5:23). Da mesma forma, se devemos obedecer a 2 Timóteo, cada um de nós deve vir a Paulo rapidamente, certificando-se de que pegamos sua capa e os livros de Trôade antes de ir a ele (4: 9-13) – uma ordem que pode ser difícil de cumprir para qualquer pessoa após a morte de Paulo, especialmente se Timóteo já coletou os pertences de Paulo em Trôade. (O fato de Paulo também chamar Tito para encontrá-lo em Tito 3:12 certamente atesta isso como um requisito transcultural para os servos de Deus: todos devemos tentar visitar Paulo em Roma.) Devemos também tomar cuidado com Alexandre, o latoeiro (2 Tim. 4 : 14-15), apesar do fato de que ele está muito certamente morto – a taxa de mortalidade para pessoas com mais de 1,500 anos sendo o que é [\[44\]](#)

Talvez mais significativas sejam as passagens que fornecem instruções não apenas para Timóteo, mas para a igreja como um todo. Aqui, por exemplo, as viúvas não devem ser colocadas na lista de apoio da igreja a menos que tenham pelo menos sessenta anos de idade, tenham sido casadas apenas uma vez (1 Tim. 5: 9), tenham criado filhos e lavado os pés de santos (v. 10). Além de nossa negligência geral de cuidar das viúvas para começar (em algum grau influenciado pelas diferenças entre o sistema de bem-estar de hoje e o do antigo judaísmo), tão poucas viúvas hoje lavaram os pés dos santos que nossas igrejas podem alegar estar obedecendo aos ensinamentos de Paulo mesmo quando eles não os incluem em sua lista de apoio financeiro! As viúvas mais jovens são encorajadas a se casar novamente, não assumindo o juramento de membresia na ordem das viúvas mais velhas sustentadas pela igreja (vv. 11, 14). Não está muito claro como as viúvas hoje podem obedecer a este preceito se não encontrarem outro marido, mas nos dias de Paulo os homens superavam as mulheres em uma margem considerável; novo casamento para as mulheres era muito mais fácil do que é hoje. [\[45\]](#)

Paulo deixa claro que alguns de seus mandamentos nas epístolas pastorais se relacionam a evitar apostasia (v. 15) e – um assunto relacionado aos pontos de vista da cultura mais ampla – reprovação pública (3: 2, 6–7, 10; 6: 1 ; Tito 1: 6–7; 2: 8, 10). Isso inclui explicitamente não apenas algumas de suas exortações sobre os papéis de gênero (Tito 2: 5), mas também sobre a obediência dos escravos (1 Tm 6: 1-2; cf. Tito 2: 9-10), que muitos evangélicos hoje fariam admitir endereçado a situação cultural específica. Se os princípios são mais vinculativos do que as exortações específicas da situação que as ilustram, podemos desejar considerar como a situação de hoje difere daquela do primeiro século e como o ato de diminuir as oportunidades das mulheres, em vez de fortalecê-las, desafia o testemunho da igreja. [\[46\]](#)

Rebecca Merrill Groothuis resume bem este ponto:

Se 1 Timóteo 2: 11-15 pode ser legitimamente entendida como uma proibição relevante apenas para mulheres em uma circunstância historicamente específica (o que pode), e se não houver outro texto bíblico que proíba explicitamente as mulheres para ensinar ou ter autoridade sobre os homens (o que não existe), e se houver textos que afirmam a igualdade espiritual fundamental das mulheres com os homens (que existem), então as mulheres que não estão nas circunstâncias em que a proibição de 1 Timóteo 2:12 foi pretendido pode seguir com segurança qualquer chamada que eles têm para o ministério. Em outras palavras, deve-se pelo menos reconhecer que a interpretação tradicionalista é discutível em bases bíblicas. Sendo este o caso, devemos dar o benefício da dúvida a qualquer mulher que seja chamada e qualificada para a liderança pastoral. [\[47\]](#)

Mas Paulo cita o Antigo Testamento.

Se pudéssemos parar por aqui, poderia haver pouco debate sobre 1 Timóteo 2: 11-12, portanto, sobre qualquer nível de ministério das mulheres na igreja. A evidência de uma situação específica por trás de 1 Timóteo 2 é clara o suficiente nas cartas de Paulo a Timóteo, e a evidência de que Paulo em outro lugar afirmou que os ministérios femininos são convincentes o suficiente para que os estudiosos evangélicos como um todo possam concordar, mas para algum problema – o fato de que Paulo continua a basear seu argumento no AT, citando autoridade bíblica para o que ele diz. Certamente isso significa que ele se destina a todas as situações!

Ou não é? Paulo aplica todos os textos do AT universalmente, ou ele às vezes os aplica a situações locais? Antes de determinarmos como Paulo usa as Escrituras em 1 Timóteo 2, devemos primeiro perguntar como ele usa as Escrituras em geral. (Voltarei a uma discussão específica de Gênesis 1–2 mais tarde.) Se ele sempre usa de uma maneira direta, então, presumivelmente, 1 Timóteo 2 deve silenciar todas as mulheres, afinal. Seus argumentos aqui são que Deus criou os homens primeiro, as mulheres são mais facilmente enganadas do que os homens e, portanto, as mulheres não devem ensinar aos homens. Devemos ter certeza de que, se proibimos universalmente as mulheres de ensinar, devemos fazê-lo pelo motivo do texto no qual basear nossa prática citada; ou seja, para o engano de Eva constituir um argumento universal, devemos assumir que todas as mulheres são facilmente enganadas (presumivelmente sempre mais enganadas do que a maioria dos homens crentes) – a interpretação histórica usual do versículo. Assim, esta analogia entre Eva e as mulheres nos diria algo sobre sua natureza, em vez de sobre o status educacional das mulheres do primeiro século. Se dissermos que apenas a maioria das mulheres é facilmente enganada, então podemos proibir apenas a maioria das mulheres de ensinar por este argumento. Se dissermos que as mulheres em Éfeso foram enganadas como Eva porque não tinham educação, o princípio é simplesmente que as mulheres não treinadas são mais suscetíveis ao engano. Mas se é uma proibição universal com base no gênero, é uma declaração, não sobre a educação das mulheres do primeiro século, mas sobre a inferioridade ontológica de todas as mulheres no discernimento da verdade. Essa é uma afirmação que devemos ser capazes de verificar ou refutar empiricamente, embora a maioria das pesquisas empíricas sugira que, quando as oportunidades educacionais são as mesmas, as mulheres são tão hábeis em discernir o engano quanto os homens.

Mas e se Paulo estiver simplesmente fazendo uma analogia local entre Eva e as mulheres facilmente enganadas em Éfeso (ou a maioria das mulheres em sua época que não eram educadas, portanto, facilmente enganadas)? E se Paulo estiver simplesmente fazendo uma analogia local, como fez em outro lugar quando traçou uma analogia entre Eva e todos os cristãos coríntios (homens e mulheres igualmente [2 Coríntios 11: 3])? Isso é possível? Se Paulo frequentemente argumenta por analogia e às vezes usa as Escrituras de maneira *ad hoc*, não há razão para duvidar que Paulo possa estar fazendo isso em 1 Timóteo 2 – o que minaria o pilar principal para aplicar este texto às mulheres transculturalmente. [\[48\]](#)

Frequentemente, talvez até mesmo normalmente, Paulo lê o AT de uma forma direta, assim como normalmente fazemos. Por exemplo, ele frequentemente aplica ordenanças dadas a Israel e a todos os crentes que aceitaram a Bíblia de Israel (ver, por exemplo, Rom. 13: 9); os princípios da lei israelita podem ajudar a guiar a igreja (ver, por exemplo, 2 Coríntios 13: 1). Mas o que acontece quando devemos abordar um assunto que nenhum texto bíblico específico aborda? Nestes casos, costumamos procurar textos que abordem princípios

semelhantes e traçam analogias entre esses textos e a situação que devemos abordar. Paulo fez a mesma coisa.

Argumentos por analogia. Paulo frequentemente universaliza os textos bíblicos por analogia. Como seus contemporâneos, tanto judeus quanto gentios, costumavam recorrer a modelos positivos e negativos na história para apresentar seus pontos de vista, o público de Paulo teria seguido sua abordagem facilmente. Assim, por exemplo, um boi que pisa o grão fornece uma analogia para um ministro do evangelho (1 Coríntios 9: 9–10; 1 Timóteo 5:18). Em muitos casos, Paulo poderia ter aplicado suas analogias a situações diferentes daquelas às quais ele as aplicou especificamente.^[49] Assim, como Deus dá aos pobres (Salmos 112: 9), ele também proveria para os coríntios se eles dessem sacrificialmente (2 Cor. 9: 9).^[50] As aplicações específicas de Paulo são frequentemente cristológicas, porque Cristo é corretamente seu foco.^[51]

Argumentos sólidos por analogia dependem da exegese correta, mas não são eles próprios destinados a exegese. Algumas das analogias de Paulo estão mais próximas do sentido original dos textos que ele cita do que outras. Aqueles que estão mais distantes do sentido original do texto não devem ir além de sua aplicação imediata, e às vezes podemos reconhecer que o próprio Paulo não deseja que usemos suas analogias além do imediato a que ele as dedica. A proclamação da criação no Salmo 19: 4, por exemplo, é paralela à proclamação do evangelho em Romanos 10:18. A linguagem incompreensível dos invasores assírios era uma mensagem divina de julgamento para Israel depois que eles rejeitaram as outras tentativas de Deus de chamar sua atenção (Isaías 28:11; cf. 33:19; Deuteronômio 28:49); Paulo aplica a natureza incompreensível desta linguagem ao falar em línguas (1 Cor. 14:21), talvez porque também funcione como um aviso para os incrédulos (14:22). Oséias fala da rejeição de Israel e sua restauração (Oséias 1:10); talvez porque Paulo acredita que a conversão dos gentios provocará Israel ao arrependimento (Rom. 11: 13–14), ele aplica este texto à salvação dos gentios (Rom. 9: 25–26). A analogia primária entre Salmo 116: 10 e 2 Coríntios 4:13 é a necessidade de falar de acordo com o que se acredita. Paulo até cita um dos consoladores de Jó para argumentar (1 Cor. 3:19), apesar do fato de que, no geral, a aplicação específica desta sabedoria dos consoladores foi errada (Jó 42: 8).

Como outros professores judeus, Paulo ocasionalmente até reformula um texto. Por exemplo, o Salmo 68:18 fala de um conquistador recebendo presentes. Porque os conquistadores normalmente distribuíam tal pilhagem entre suas tropas, Paulo e algumas outras tradições judaicas nesta passagem podem aplicá-la a dar dons, e Paulo aplica isso a Jesus ascendido dando ministros à sua igreja (Ef 4: 8). Quando Paulo deseja, ele pode argumentar que “semente” é singular e deve se referir a Cristo (Gal. 3:16), embora ele saiba muito bem (ao contrário de seus detratores modernos) que pode se referir a “descendentes” no plural; na verdade, ele o usa desta maneira em outro lugar (Rom. 4:13, 16, 18; 9: 7–8; 11: 1), e até mesmo no mesmo capítulo em Gálatas (3:29)! No contexto polêmico de Gálatas 3:16, onde Paulo pode estar respondendo aos seus oponentes usando seus próprios métodos, ele emprega uma técnica interpretativa padrão de seus contemporâneos: Aplique o texto da maneira que você precisa para estabelecer seu argumento.

Embora alguns de nós possam não querer aceitar que Paulo usa as Escrituras de uma forma *ad hoc* às vezes (torna-se difícil para nós ensinar hermenêutica sólida aos nossos alunos), o respeito pelas Escrituras exige que revisemos nossos preconceitos à luz do que nós encontramos no texto, em vez de forçar o texto a se ajustar a suposições filosóficas sobre o que pensamos que ele deveria dizer.

Aqueles que desejam manter, com base na alusão de Paulo em 1 Timóteo 2: 13-15 a uma passagem do Gênesis, que os versículos 11 e 12 necessariamente contêm um princípio transcultural, devem reler as outras cartas de Paulo com cuidado no que diz respeito ao uso do AT. Para ter certeza, Paulo frequentemente usa as Escrituras com um significado universal; frequentemente, entretanto, ele faz analogias para argumentar pontos que pretende apenas para uma situação específica. Dado o apoio de Paulo ao ministério das mulheres em outras passagens, bem como a presença de modelos autorizados ocasionais como Debora nas Escrituras, acredito que o ônus da prova deve recair sobre aqueles que argumentam que ele pretende que sua alusão bíblica seja entendida de forma mais universal aqui.

Ordem da Criação e Queda em 1 Timóteo 2: 13–14 Algumas das analogias de Paulo podem ser mais relevantes do que outras para sua comparação das mulheres com Eva em 1 Timóteo 2. Embora ele possa fazer comparações gerais com Eva (ver, por exemplo, 1 Coríntios 6:16; Efésios 5: 31-32), as duas comparações mais relevantes estão em 1 Coríntios 11: 6–10 e 2 Coríntios 11: 3. Nesses textos, Paulo pode usar a analogia com Eva de uma maneira *ad hoc*.

Em 1 Coríntios 11: 6–10, Paulo afirma que Eva foi criada por causa de Adão; portanto, as mulheres devem usar coberturas para a cabeça. Tendo oferecido este argumento, no entanto, ele nos lembra que, no final, nem os homens nem as mulheres são independentes um do outro (vv. 11-12). O argumento da “ordem da criação” aplicado ao silêncio das mulheres em 1 Timóteo 2 é precisamente um dos argumentos que Paulo emprega em 1 Coríntios 11: 8-9 para admoestar as esposas a cobrirem suas cabeças na igreja. Não podemos exigir de forma consistente uma aplicação transcultural proibindo o ensino ou a autoridade das mulheres com base em 1 Timóteo 2: 11-12 sem também exigir que todas as mulheres casadas cubram a cabeça de acordo com 1 Coríntios 11: 2-16 (um ponto que Paulo, de fato, argumenta bem mais).

Segunda Coríntios 11: 3, no entanto, é mais relevante, referindo-se especificamente para o engano de Eva, como em 1 Timóteo 2:14. Paulo desenha uma analogia entre Eva e os cristãos coríntios em 2 Coríntios 11: 3; a base para a comparação é que ambos foram facilmente enganados. Este exemplo indica que ele poderia aplicar a imagem a qualquer pessoa facilmente enganada, incluindo a maioria das mulheres na igreja de Éfeso, mas que Paulo nem sempre faz essa analogia com base no gênero. Como vimos, algumas de suas outras analogias também são específicas de cada situação.

Alguns intérpretes hoje apelam para o argumento da ordem da criação, observando que Adão, não Eva, dá o nome dos animais (Gênesis 2:20) – mas é claro que Eva ainda não tinha sido criada neste ponto (v. 22). Alguns afirmam que Adão nomeia Eva da maneira como nomeia os animais que governa, mas Gênesis distingue seu reconhecimento de Eva (v. 23) da fórmula de nomenclatura usada para os animais (v. 20) – até depois da queda (3:20). Outros aplicam à criação anterior de Adão o antigo princípio da primogenitura (o estado de ser o primogênito), mas isso funcionaria apenas se a passagem implicasse que Adão e Eva fossem filhos esperando uma herança (nesse caso, Adão recebe o dobro; mas compare 1 Ped. 3: 7), e somente se os direitos de herança controlassem todas as classes; também funcionaria melhor se Gênesis não desafiasse em outro lugar especificamente o costume da primogenitura (25:23; 48:19; 49: 4).

A queda introduziu tensão conjugal no mundo (3:16), mas certamente não é errado trabalharmos para reduzir o conflito conjugal, como acontece com a maioria dos outros aspectos da queda (dor no parto, as dificuldades do trabalho árduo e, por fim, o pecado e morte no mundo).^[52] Na ordem da criação, o homem e a mulher juntos constituíam o “homem” à imagem de Deus e juntos governavam a terra (1: 26–28; 5: 1–2). Da mesma forma, dado o uso dos termos hebraicos em outro lugar (que qualquer um pode verificar com a ajuda de uma concordância), “ajudante apropriado” (2:18, 20) aponta para correspondência masculina e feminina, não para a subordinação de um

parceiro.

Alguns intérpretes de hoje irão objetar que devemos encontrar a subordinação de Eva na ordem da criação porque Paulo o faz, mas isso nos traz de volta ao nosso ponto original: Paulo de fato subordina todas as mulheres (mais especificamente, exigindo seu silêncio na igreja) porque Eva era criada em segundo lugar? Ele usaria a cronologia como um argumento transcultural? Em outras partes de seus escritos, o primeiro pode ser inferior ao segundo, um mero protótipo do plano de Deus (1 Cor. 15: 45-47). Adão não é um mero protótipo de Eva, mas Paulo também não usa a prioridade cronológica como um argumento universalmente evidente; seu argumento aqui é construído para uma situação específica.

OUTRAS CONSIDERAÇÕES

No espaço que resta, passo agora rapidamente para algumas outras considerações.

E quanto ao padrão bíblico de liderança masculina no lar?

Como a questão das relações de gênero no lar é uma questão separada (e o espaço é limitado aqui), menciono essa objeção apenas de passagem e ofereço duas respostas breves. Em primeiro lugar, argumentei em outro lugar extensamente que em sua exposição mais detalhada do assunto, o ideal de Paulo é a submissão mútua e a servidão. Várias suposições interpretativas levam os intérpretes a divergir quanto a se o marido deve sempre conduzir a casa em todos os aspectos. Mas mesmo com tais diferenças, acredito que seja bíblicamente impossível duvidar que maridos e esposas cristãos devam praticar a submissão e servidão mútua (Ef. 5:21), mesmo que seja especificado mais explicitamente para as esposas (v. 22), assim como todos os cristãos devem praticar o amor mútuo (v. 2), mesmo que seja especificado aqui de forma mais explícita para os maridos (v. 25). Além disso, Paulo acredita na submissão a estruturas de autoridade dentro da cultura, mas ele não mais determina como permanentes os antigos padrões de casamento patriarcal (vv. 21-33) do que ele ordena como permanente a prática da escravidão doméstica urbana (6: 5-9), ambos os quais fazem parte da mesma seção dos códigos domésticos (5: 21-6: 9).^[53] Paulo aborda os papéis como eles existiam em seus dias, mas o princípio é submissão àqueles em autoridade e tornar-se servos mesmo quando nós ter autoridade.^[54] “Ajudante” (Gênesis 2:18) é geralmente um termo de força, frequentemente usado até mesmo para referir-se a Deus como nosso ajudador; a subordinação das esposas provavelmente decorre da queda (3:16; veja acima).

Segundo, as questões do ministério da mulher (afirmado por muitas passagens, aparentemente limitado em, no máximo, duas) e os papéis de gênero no lar são distinguíveis. Uma pessoa pode ter papéis diferentes em situações diferentes; por exemplo, ensinei alunos em um ambiente acadêmico que, em um ambiente de igreja, foram meus pastores. Além disso, a questão de como essas duas questões se relacionam seria menos relevante para uma mulher solteira. Da mesma forma, conheço casais evangélicos cujos bispos designaram marido e mulher para servirem como pastores de igrejas separadas (embora próximas). Alguns casais missionários evangélicos do século XIX dividiram de forma semelhante o alcance de seu ministério a fim de alcançar mais pessoas. Em outras palavras, mesmo uma pessoa que não aceita os argumentos igualitários ou de “submissão mútua” para o lar não precisa proibir o ministério das mulheres.

E quanto à História da Interpretação das Evidências Bíblicas?

Como cristãos bíblicamente fiéis, aceitamos os pontos de vista da Bíblia sobre a tradição porque vemos a Bíblia como a revelação mais direta de Deus de sua vontade (cf. Marcos 7: 7-13). Estamos, portanto, menos preocupados com a forma como os outros interpretaram a Bíblia – muitas vezes à luz de suas próprias culturas e tradições da igreja – do que com a própria mensagem bíblica. Mas porque nós mesmos fazemos parte de culturas e tradições eclesiais específicas, a história da interpretação nos ajuda a ganhar perspectiva.

A visão mais comum sobre o ministério das mulheres na história da igreja é que as mulheres não podem ministrar a palavra de Deus aos homens. Isso, é claro, não era uma mera restrição às mulheres no pastorado! Mas essa visão se apoiava em uma premissa que era quase igualmente difundida, ou seja, que as mulheres não podem ensinar a Bíblia aos homens porque as mulheres são mais facilmente enganadas do que os homens e ontologicamente inferiores aos homens, pelo menos nos dons mais necessário para a prática da liderança da igreja e do escrutínio doutrinário.^[55] É justo apelar para a conclusão (com base no precedente histórico) sem aceitar a lógica por trás dessa conclusão (com base no mesmo precedente)? Esta visão da natureza das mulheres reflete as premissas aristotélicas e um consenso da cultura mais ampla – uma cultura que eu acredito que reflete as relações homem-mulher que são resultado da queda (Gênesis 3:16).

Sem dúvida, o ônus da prova recai sobre qualquer pessoa que defenda uma visão na qual ninguém jamais pensou antes, porque se fosse óbvio nas Escrituras, deveria nos surpreender que seríamos os primeiros a descobri-la! Frequentemente, porém, a igreja omitiu ou suprimiu verdades que são claras e suficientes nas Escrituras para nos permitir aceitar o ônus da prova e defender uma posição anteriormente não amplamente aceita, como a justificação pela fé. Em muitos pontos, Martinho Lutero, por exemplo, desafiou o status quo das tradições em seu dia. Para fins estratégicos, no entanto, ele sentiu que era necessário manter muitas práticas tradicionais, de modo que a maioria de seu povo encontrasse familiaridade em muitos aspectos da adoração na igreja.^[56] Outros reformadores buscaram “reformular” ainda mais as tradições, e isso muitas vezes levou a conflitos entre os primeiros líderes protestantes.^[57] A maioria dos protestantes hoje reconhece que a Reforma não resolveu todas as questões sobre as quais as tradições da igreja em particular ainda podem exigir revisão. Acredito que temos evidências bíblicas suficientes a favor do ministério das mulheres para aceitar o ônus da prova. Eu diria que a visão da maioria na igreja ao longo da história – a visão que chegou à maioria de nós por meio da tradição – reflete as culturas restritivas da história humana nas quais a tradição foi formada, em vez da leitura mais clara das evidências bíblicas. (Pode-se comparar as ideias antijudaicas que muitos pais da igreja absorveram da cultura grega de uma maneira estranha aos escritores geralmente judeus-cristãos do Novo Testamento.)

Tendo reconhecido o testemunho histórico dominante das igrejas mais antigas, entretanto, deve-se notar que alguns movimentos de reforma sempre afirmaram o ministério das mulheres. Um grupo que buscou reformas durante a Idade Média foram os valdenses; acabaram incorrendo na perseguição da igreja romana medieval. Mas junto com a justificação pela fé e um apelo à autoridade das Escrituras, os primeiros valdenses foram acusados de deixar as mulheres pregar.^[58] O ministério das mulheres também se tornou cada vez mais aceito em muitos tempos de avivamento, incluindo o avivamento wesleyano que mudou o curso da vida espiritual na Grã-Bretanha e no Segundo Grande Despertamento nos Estados Unidos. Grupos Pentecostais e de Santidade estavam ordenando mulheres muito antes do feminismo secular moderno e os argumentos antibíblicos para a ordenação de mulheres tornarem a questão divisiva em alguns círculos.

Muitas igrejas batistas e outras igrejas evangélicas permitiram mais liberdade para os ministérios das mulheres até a controvérsia fundamentalista-modernista da década de 1920; As igrejas batistas do Freewill e a Christian and Missionary Alliance (em seus primeiros anos) também afirmaram o ministério das mulheres. A acusação frequentemente repetida em alguns círculos de que mesmo entre os evangélicos o ministério das mulheres carrega uma agenda secular velada pode ser bem-intencionada, mas certamente está mal informada historicamente. Os avivamentos trouxeram à tona os dons espirituais das mulheres e uma nova leitura das Escrituras em ambientes onde ninguém havia pensado no feminismo secular moderno.[\[59\]](#)

Alguns Princípios Relevantes

Poucos evangélicos em ambos os lados do debate sobre o ministério das mulheres contestariam que a aceitação das mulheres por Jesus em muitos aspectos provou ser incomum em sua época (por exemplo, Lucas 8: 1-3). O que é mais impressionante é sua aceitação das mulheres como verdadeiras discípulas – algo que poucos, se é que algum, outros rabinos faziam.[\[60\]](#) Pessoas de todos os meios geralmente se sentavam em cadeiras ou, em banquetes, reclinavam-se em sofás. Sentar aos pés de um professor, no entanto, era adotar a postura de um discípulo.[\[61\]](#) Essa é a postura que Maria adota, e Jesus defende sua adoção desse papel contra a preferência de Marta pelos papéis matronais tradicionais (Lucas 10: 38-42).

Todos os discípulos – homens e mulheres – aprendem melhor o discipulado seguindo Jesus.

Mas é fácil para os leitores modernos esquecer que os rabinos restringiam as mulheres de serem discípulas (embora não de ouvir nas sinagogas) principalmente porque, após os níveis elementares, os discípulos se tornavam rabinos em treinamento.

Maria pode ter aprendido simplesmente por si mesma, mas também pode ter aprendido parcialmente para compartilhar a mensagem de Jesus com outros que quisessem ouvir.

O que tais atos de Jesus indicam no contexto mais amplo de seu ministério? Jesus regularmente cruzava os limites do limpo e do impuro (Marcos 1: 41-42; 2:16; 5: 30-34, 41-42; 7: 2, 19), embora muitos desses limites estivessem fundamentados no AT (Lev. 11: 2-47; 13: 45-46; 15: 25-27; Números 19: 11-13; Salmos 1: 1). Ele não se opôs aos ensinamentos do AT (Mt 5: 17-20; Lc 16:17), mas os interpretou de forma a refletir e reaplicar seu propósito em situações novas (Mt 5: 21-48). Ele também exigiu que mantivéssemos as coisas mais importantes em primeiro, não deixando de lado a floresta por causa das árvores; princípios mais amplos como justiça, misericórdia e fé têm precedência sobre os detalhes bíblicos adaptados para situações específicas (Mateus 23: 23-24; Marcos 10: 5-9). Em nossa louvável atenção aos detalhes gramaticais em algumas passagens que tratam de situações específicas, devemos permanecer vigilantes contra a tentação de ignorar princípios gerais sobre o que é mais importante para Deus.

Dar um aviso sobre tal tentação não é responder à satisfação de todos os quais posições, de fato, refletem tais princípios, mas deixar de fazer a pergunta é ignorar um princípio dinâmico de interpretação ao qual o ministério de Jesus nos convoca. Dados até mesmo alguns exemplos claros do ministério de mulheres na Bíblia, é um texto (ou no máximo dois) – que pode ser condicionado pela situação – o suficiente para negar ou restringir substancialmente um grupo de trabalhadores para o reino?

Alguns dizem que não têm certeza suficiente para permitir o ministério das mulheres, mas aqueles que estão menos do que absolutamente certos devem negar a vocação de outros, ou talvez devam ficar calados sobre o assunto? Se essas mulheres afirmam ser chamadas e produzem, em média, o mesmo tipo de fruto que os homens (critério que normalmente usamos para avaliar a vocação de um homem), quão objetivamente podemos avaliar as chamadas dos homens para o ministério enquanto rejeitamos as das mulheres? Algumas pessoas me dizem que rejeitam os chamados de mulheres porque viram mulheres fracassarem no ministério, mas eles nunca viram homens fracassarem no ministério? Alguns nunca testemunharam um ministério público eficaz por uma mulher. Por outro lado, tenho visto mais ministros do sexo masculino cometerem pecados sexuais do que ministras do sexo feminino. Há alguns anos, trabalhei com uma pastora que levou mais pessoas a Cristo em um ano do que já vi qualquer pastor de uma congregação de tamanho semelhante alcançar. Nossas experiências pessoais podem ser diferentes, mas no final não é tão perigoso arriscar proibir o que Deus endossa quanto arriscar promover o que ele proíbe?

Uma Nota Pessoal

Mencionei anteriormente que estive nos dois lados da questão em diferentes momentos da minha vida. Após minha conversão ao cristianismo, passei meus primeiros anos em círculos evangélicos conservadores que haviam afirmado o ministério das mulheres desde o início do século XX (quando as mulheres no ministério eram ainda mais aceitas em alguns círculos evangélicos do que hoje). Em tais círculos, a posição “conservadora” apoiava a ordenação de mulheres, e alguns de meus professores mais eficientes da Bíblia eram mulheres. Ao mesmo tempo, no entanto, eu acreditava que 1 Timóteo 2 proíbe o ministério das mulheres, e me encontrei na situação desconfortável de valorizar o ministério divinamente abençoado de pessoas que eu não achava que deveriam estar envolvidas em tal ministério! Quando me envolvi gentilmente em um diálogo com amigas que estavam se preparando para o ministério, tive dificuldade em enquadrar minha visão de 1 Timóteo 2 com seu aparentemente forte senso de chamado e com tudo o mais que eu sabia sobre Deus na Bíblia.

Tal cenário despertou meu interesse na questão, mas levou vários anos antes que eu pudesse resolvê-lo. Continuei a acreditar que 1 Timóteo 2 excluía as mulheres do ensino da Bíblia, com a gentileza e humildade que desejava expressá-lo.

No entanto, ao ler quarenta capítulos da Bíblia todos os dias, comecei a reconhecer cada vez mais a maneira como a Bíblia me convidava a lê-la. Eu me esforcei para desenvolver um método interpretativo novo e consistente a partir do estudo das próprias Escrituras. A Bíblia me convocou a entendê-lo à luz do mundo ao qual ela se dirigiu primeiro (que seu primeiro público presumiu), e conforme eu estudava o contexto da Bíblia, fiquei cada vez mais convencido de que a Bíblia, de fato, afirmava os ministérios das mulheres.

Por esta altura, no entanto, eu estava gastando tempo em diferentes círculos evangélicos, onde a visão “conservadora” era de que as mulheres não poderiam ser ministros! Assim – sendo o jovem estudioso “corajoso” que fui – planejei manter minhas convicções para mim mesmo. Com o tempo, entretanto, vários fatores se combinaram para me convencer de que eu precisava falar abertamente. Em primeiro lugar, a essa altura, eu estava vendo como muitas piedosas amigas evangélicas minhas – mulheres que estavam no ministério – eram regularmente maltratadas, e meu desejo de apoiá-las passou a ser mais importante do que minha reputação. (Devo apressar-me a

acrescentar, no entanto, que muitos complementaristas não maltratam as mulheres no ministério, e que, como eu mesmo em meus dias complementares, eles desejam ser pessoalmente solidários).^[62] Segundo, o tratamento da igreja às mulheres em geral tinha se tornado um grande problema na apologética em muitos campos universitários, e eu estava fortemente envolvida no ministério e apologética do campus. Certamente, a credibilidade do evangelho importava mais do que minha reputação! Terceiro, eu vi isso como uma oportunidade de demonstrar a importância da formação cultural na interpretação da Bíblia, portanto, um caso de teste útil para promover a importância da interpretação correta. Quarto, ao continuar a orar sobre com que livros começar, senti que Deus queria que eu articulasse as evidências que havia encontrado.

Finalmente, sendo um jovem acadêmico, ainda não tinha muita reputação a perder!

Foi só depois de publicar sobre o assunto, entretanto, que percebi como o debate estava se tornando violento. Alguns evangélicos estavam negando o compromisso evangélico genuíno daqueles que não compartilhavam seus pontos de vista sobre o assunto, e alguns banalizaram ao invés de responder aos nossos estudos.

Eles tinham todo o direito de discordar educadamente, como muitos de meus amigos fazem até hoje, mas quando algumas pessoas nos representaram erroneamente e recorreram a jogos de poder político, eles se rebaixaram a métodos não-cristãos de se engajar no debate. O desacordo em assuntos secundários ao evangelho convida ao diálogo; calúnia, no entanto, é um pecado que deve ser tratado por meio do arrependimento.

Isso é verdade para qualquer lado que seja culpado da calúnia, não importa o quão profundamente nossas paixões pessoais estejam relacionadas a este ou qualquer outro assunto.

CONCLUSÃO

Uma série de passagens apoiam claramente as mulheres que compartilham a palavra de Deus – e às vezes a compartilham de maneiras mais autoritárias do que as passagens mais frequentemente em disputa parecem sugerir. Paulo aplica os mesmos títulos aos ministérios femininos e masculinos, e ele afirma explicitamente as mulheres nas funções ministeriais mais proeminentes da igreja primitiva. O contexto e a experiência demonstram que as duas passagens usadas para argumentar contra o ministério das mulheres se aplicam a situações particulares dentro das duas congregações em particular; esses textos, portanto, não contradizem aqueles que apoiam o ministério das mulheres. Destas duas passagens, a que proíbe especificamente as mulheres de ensinarem a Bíblia (1 Timóteo 2) também é dirigida à única congregação onde os falsos mestres visavam especificamente às mulheres com seus pontos de vista. Devemos, portanto, não permitir que nossas tradições ou uma (na melhor das hipóteses) interpretação incerta (e provavelmente equivocada) de uma única passagem neguem o chamado de mulheres que, de outra forma, se provam aptas para o ministério.

Tradução: Antônio Reis

Fonte: Two Views on Women in Ministry

[1] Porque este ensaio se destina a um público mais geral e porque forneci documentação detalhada para a maioria dos meus pontos em outro lugar (ver meu *aul*, *Women and Wives: Marriage and Women's Ministry in the Letters of Paul* [Peabody, Mass.: Hendrickson, 1992, rev. com nova introdução, 2004]; artigos sobre papéis de gênero no *Dictionary of Paul and His Letters*; *Dictionary of the Later New Testament and Its Developments*; and *Dictionary of New Testament Background*, InterVarsity; [esp. "Casamento", 680–693]), eu documentei de maneira relativamente leve neste ensaio.

[2] Combinando as posições 2 e 3, Robert W. Yarbrough ("A Hermenêutica de 1 Timóteo 2: 9-15," em *Women in the Church: A Fresh Analysis of 1 Timothy 2: 9-15*, eds. Andreas J. Köstenberger, Thomas R. Schreiner e H. Scott Baldwin [Grand Rapids: Baker, 1995], 195, n. 181) reconhece que a Escritura mostra que Deus poderia usar mulheres como profetas ou juizes, embora não explicitamente como pastoras.

[3] Alguns distinguem dons de ofícios, mas em Efésios 4:11, o papel do profeta está ao lado dos apóstolos, evangelistas e pastores-professores como um dos ministérios da palavra que equipa as pessoas para o ministério. Devemos evitar distinguir cargos de dons arbitrariamente, especialmente quando alguém recebe um título (como em Êxodo 15:20; Juizes 4: 4; 2 Rs 22:14; Isa. 8: 3; Lucas 2:36) e nosso termo para "ofício" não existe nas Escrituras (Ef 4: 8, 11 chama os ministros de "dons"; "profetas" em 1 Cor. 14:29, 32 parece referir-se a qualquer um que profetiza).

[4] Em vez de dedicar espaço aqui ao que significa coberturas para a cabeça, veja meu artigo sobre "coberturas para a cabeça" no *Dictionary of New Testament Background* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 2000), 442–47; em menos detalhes, meu *Paul, Women and Wives*, 19-69. A segregação de gênero era impossível em igrejas domésticas (ver Bernadette J. Brooten, *Women Leaders in the Ancient Synagogue: Inscriptional Evidence and Background Issues* [BJS 36; Chico, Calif.: Scholars Press, 1982], 103-38), então os homens invariavelmente ouviam as profecias das mulheres.

[5] Com relação a esta passagem, ver meu trabalho anterior em *The Spirit in the Gospels and Acts* (Peabody, Mass.: Hendrickson, 1997), 190-213.

[6] Contra as distinções que alguns fazem entre profetas e aqueles que profetizam, Paulo parece aplicar o primeiro título àqueles que cumprem a última função, pelo menos com frequência (1 Cor. 14:29, 32).

[7] Para meus comentários sobre as alusões bíblicas em Apocalipse, ver meu comentário *Revelation* [NIVAC; Grand Rapids: Zondervan, 2000], várias páginas); Gregory K. Beale fornece mais detalhes em *The Book of Revelation* (NIGTC; Grand Rapids: Eerdmans, 1999), várias páginas.

[8] Jeremias ainda era muito jovem (2 Rs 22: 3; Jer. 1: 2, 6). Em qualquer caso, 2 Reis traça vários paralelos entre os avivamentos sob Josias e, um século antes, sob Ezequias – e o papel de Hulda nesta narrativa é precisamente paralela à de Isaías nos dias de Ezequias em 2 Reis 19: 2-7.

[9] Para a alusão a Moisés em João 1: 14-18, ver Marie-Emile Boismard, *St. John's Prologue* (Londres: Blackfriars, 1957), 136-39; Anthony Hanson, "João 1.14-18 e Êxodo XXXIV," *NTS* 23 (1976): 90-101; Henry Mowwley; "João 1.14-18 à luz de Exôdo 33.7-34.35," *ExpTim* 95 (1984): 135-37; Craig Keener, *The Gospel of John: A Commentary* (2 vols. ; Peabody, Mass. : Hendrickson, 2003), 405-26.

[10] Debora talvez uma vez tenha aproveitado a oportunidade para afirmar membros de seu gênero de uma maneira distinta quando advertiu Baraque – talvez para envergonhá-lo – que Deus entregaria Sísera nas mãos de uma mulher; em qualquer caso, Deus cumpriu esta profecia quando Jael colocou uma estaca na cabeça de Sísera (Juízes 4: 9, 21).

[11] Para comentários sobre aqueles que desejam distinguir funções ministeriais oficiais de dons, veja n. 3 acima. Quando o título é aplicado, como em Romanos 16: 7, temos boas razões para ver um papel ministerial ali!

[12] Ver Richard S. Cervin, "Uma Nota Sobre o Nome 'Junia (s)' em Romanos 16.7," *NTS* 40 (1994): 464-70 (um artigo trazido à minha atenção por Michael Holmes). Para uma mulher apóstola aqui, ver, por exemplo, Wayne Meeks, *The First Urban Christians: The Social World of the Apostle Paul* (New Haven, Conn. : Yale Univ. Press, 1983), 47. J.B. Lightfoot (*Saint Paul's Epistle to the Galatians* [Londres: Macmillan, 1910], 96, n. 1), que pensava que Júnias era do sexo masculino, duvida que alguém teria entendido a frase "tão estimado pelos apóstolos" se não fosse para contornar a extensão do apostolado além dos Doze. A melhor defesa da visão minoritária de que os apóstolos meramente pensavam bem deles é Michael H. Burer e Daniel B. Wallace, "Júnia era realmente uma apóstola? Uma Avaliação de Rom. 16: 7," *NTS* 47 (2001): 76-91 (esp. 84-91), mas as evidências podem ser classificadas de maneira diferente, e Richard Bauckham (*Gospel Women: Studies of the Named Women in the Gospel* [Grand Rapids Eerdmans, 2002], 166-180 (esp. 172-180) refuta esta posição.

[13] Sobre a equipe marido-mulher em outras profissões, ver Jane F. Gardner, *Women in Roman Law and Society* (Bloomington, Ind. : Indiana Univ. Press, 1986), 240. Dizer que Andrônico e Júnias são simplesmente chamados pelo próprio título do marido é negar que Paulo afirmou corretamente o que ele quis dizer, pois ele emprega especificamente um pronome e um verbo no plural para estabelecer o ponto.

[14] Isto ainda é verdade, mesmo se, como é provável, as saudações de Paulo a alguns homens ao lado de suas famílias implicam que esses homens ocupavam alguns cargos nas igrejas que se reuniam em suas casas.

[15] Ver, por exemplo, Xenofonte, *Cyr.* 4.5.34. Os portadores também podem comunicar o espírito de uma letra (por exemplo, 1 Mac.12: 23; Cícero, *Fam.* 12.30.3; Ef. 6: 21-22; Col. 4: 7-8).

[16] Para documentação mais detalhada, veja meu *Paul, Women and Wives*, 238-40.

[17] Em uma nota um tanto divertida, Rebecca Merrill Groothuis *Good News for Women: A Biblical Picture of Gender Equality* [Grand Rapids: Baker, 1997], 222-23) aponta que aqueles que proíbem as mulheres de ensinar aos homens porque "as mulheres são mais facilmente enganadas" Muitas vezes permitem que as mulheres ensinem outras mulheres – as mesmas pessoas que elas levariam mais facilmente a mais enganos.

[18] Sobre a falta de evidências iniciais de uma maior segregação de gênero, mesmo nas sinagogas, ver Brooten, *Women Leaders*, 103-38; Shmuel Safrai, "A Sinagoga", em *The Jewish People in the First Century* (Philadelphia: Fortress, 1974), 908-44.

[19] Ver esp. o argumento em Andreas J. Köstenberger, "Uma Frase Estrutural Complexa em 1 Timóteo 2:12:12", em *Women in the Church: A Fresh Analysis*, 81-103, que, embora não seja infalível, é em geral convincente (ver minha crítica em *JETS* 41 [1998]: 513-16, contra minha posição anterior em *Paul, Women and Wives*, 109). Pode-se tomar ambas as expressões como negativas (falso ensino e dominador), mas acredito que posso defender minha posição, mesmo aceitando a leitura complementar de grande parte das evidências. Pode-se ligar o "ensino" aos presbíteros (1 Timóteo 3: 2; 5:17), mas essa associação nem sempre é explícita (1 Timóteo 1: 3; 4:11, 13, 16; 6: 2; 2 Timóteo .2: 2, 24; 3:10, 16; cf. especialmente Tito 2: 3), e mesmo que esta passagem proíba mulheres idosas, ainda teríamos que abordar se a proibição é local ou universal.

[20] Apesar do uso da palavra homem em muitas traduções deste versículo, 1 Timóteo 3:1 usa um termo neutro em termos de gênero, e não específico do gênero *aner*, para designar aquele que procura o cargo de ancião.

[21] Além do menor grupo de mulheres instruídas, a maioria das pessoas "respeitáveis" o suficiente para serem líderes nessa cultura (1 Tim. 3:2, contraste 2:9) seriam homens; parte da cultura também desconfiou religiões que libertaram as mulheres dos papéis tradicionais (ver o meu *Paul, Women and Wives*, 139-56). O significado de "um homem de uma mulher" no seu contexto do primeiro século, ver o meu *And Marries Another: Divorce and Remarriage in the Teaching of the New Testament* (Peabody, Mass.: Hendrickson, 1991), 83-103; mesmo que Paulo tivesse sido casado antes, é improvável que alguém no primeiro século tivesse aplicado a frase neste momento. Com o entendimento generalizado de que os princípios gerais podem às vezes ser qualificado, ver o meu *And Marries Another*, 21-28.

[22] Os discípulos de Jesus tinham companheiras de viagem (Marcos 15: 40-41; Lucas 8: 1-3), apesar do provável escândalo (ver Lucian, *The Runaways* 18; Ben Witherington III, *Mulheres no Ministério de Jesus*, *SNTSMS* 51 [Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1984], 117), mas Paul teve que exibir uma maior preocupação com o fator escândalo porque ele estava tentando estabelecer uma igreja dentro da sociedade Greco-Romano. Jesus, ao contrário, estava deliberadamente se movendo para o confronto com as autoridades e sua execução.

[23] Eu sigo minha própria pesquisa sobre a natureza dos apóstolos e profetas aqui (resumido em *The Spirit in the Gospels and Acts*, bem como "A Função da Pneumatologia Joanina no Contexto do Judaísmo do Final do Primeiro Século" [Ph.D. diss., Duke University, 1991]) em vez de Wayne Grudem (*The Gift of Prophecy in 1 Corinthians* [Lanham, Md. : University Press of America, 1982]), embora eu respeite e afirme a maior parte do trabalho de Grudem sobre o assunto.

[24] Ver, por exemplo, Valerie Abrahamsen, "O Relevância das Rochas e o Culto de Diana em Filippi" (Th.D. diss., Harvard Divinity School, 1986).

[25] Resumi os dados de forma mais completa em *A Commentary on the Gospel According to Matthew* (Grande Rapids: Eerdmans, 1999), 151, 311.

[26] Ver os meus artigos sobre “beijos” e “coberturas de cabeça” no *New Testament Background*, 628-29; 442-47; ou, menos minuciosamente, o meu *Paul, Women and Wives*, 19-69.

[27] Procuo fornecer (embora a um nível relativamente popular) grande parte dos antecedentes que ilustram este ponto no *The IVP Background Commentary Bible Commentary: New Testament* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1993), 407-646.

[28] Ver Rom. 1:7, 10, 13; 15:22-24; 16:1-27; 1 Cor. 1:2, 11-12; 4:17; 5:1-6; 6:6-8; 7:5; 8:9; 11:17-22; 16:5-12; 2 Cor. 1:1, 15-17; 1:23-2:13; 6:11-13; 7:5-16; 9:2-5; 10:6-16; 11:1-21; 12:11-13:10; Gal. 1:2, 4:12-20; Fil. 1:1, 4-8, 19; 4:2-3, 10-19; Col. 1:2, 2:1; 1 Tess. 1:1; 2:1, 17-18; 2 Tess. 2:1.

[29] Cf., e.g., T. David Gordon (“Um certo tipo de carta: O Gênero de 1 Timothy”, em *Women in a Igreja: A Fresh Analysis*, 53-63), que argumenta a partir de algumas instruções universais na Pastoral Epístolas.

[30] Sobre as passagens que elogiam o ministério das mulheres, ver meu *Paul, Women and Wives*, 237-57 (citando outras fontes); para o princípio hermenêutico, ver Gordon D. Fee e Douglas Stuart, *How to Read the Bible for All Its Worth*, 3d. ed. (Grand Rapids: Zondervan, 2003), 72-76. Ver também William Webb, *Slaves, Women and Homosexuals: Exploring the Hermeneutics of Cultural Analysis* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 2001); ensaios em Ronald W. Pierce, Rebecca Merrill Groothuis e Gordon D. Fee, eds., *Discovering Biblical Equality: Complementarity without Hierarchy* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 2004), 355-428; cf. F. F. Bruce, *A Mind for What Matters* (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), 259-325.

[31] Sobre as diferentes interpretações subjacentes e opostas à escravidão, ver Glenn Usry e Craig S. Keener, *Black Man's Religion: Can Christianity be Afrocentric?* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1996), 98-109; meu *Paul, Women and Wives*, 184-224; e esp. Willard M. Swartley, *Slavery, Sabbath, War and Women* (Scottsdale, Pa.: Herald, 1983), 31-64, 198-204 (meu *Paul, Women and Wives* teria se beneficiado se eu tivesse lido Swartley primeiro).

[32] Mesmo alguns princípios gerais nas cartas de Paulo, como muitas exortações gerais na antiguidade, podiam admitir exceções. Ao seu apelo para se submeter às autoridades governamentais (Rom. 13: 1-7), Paulo em nenhum lugar acrescenta uma exceção explícita para desobedecer a mandamentos imorais (ver Atos 5:29), mas sua ênfase e prioridades ao longo de suas cartas deixam claro que ele esperaria de nós para reconhecer tais exceções. Pela mesma razão, mesmo aqueles que defendem que os maridos têm o direito transcultural de governar suas famílias não podem ignorar as regras gerais que convocam todos os cristãos a servirem uns aos outros, submeterem-se uns aos outros e buscarem o bem uns dos outros – exortações que no mínimo qualificam qualquer uso da autoridade por Cristão.

[33] Ver minha pesquisa de pontos de vista em *Paul, Women and Wives*, 74-80, onde também ofereço respostas mais detalhadas aos pontos de vista citados nos próximos parágrafos. Ver também (mais brevemente, mas mais atual) meu *1-2 Corinthians* (Nova York: Cambridge Univ. Press, 2005), 117-21; meu “Aprendizagem nas Assembleias: 1 Coríntios 14: 34-35”, em *Discovering Biblical Equality*, 161-71.

[34] Ver Plutarch, *On Listening to Lectures various passages* Aulus Gellius 18.13.7-8; 20.10.1-6; *Tosefta Sanhedrin* 7:10.

[35] Para documentação da preocupação romana com os cultos orientais que subvertiam os valores tradicionais romanos, ver meu *Paul, Women and Wives*, 139-56.

[36] Ver Heliodoro, *Aeth.* 1.21. Mais adiante, a submissão esperada das mulheres (cada vez mais ignorada pelos aristocratas romanos, mas ainda ideal), ver, por exemplo, Tito Lívio, *Hist. Roma* 34,2,9-14 (visão extrema de Cato); 34,7,12; Valerius Maximus, *Facta* 3.8.6; Filo, *Hypoth.* 7,3; Josefo, *Ag. Ap.* 2.200-201; Plutarco, *Bride* 19, 33, *Mor.* 140D, 142E; Artemi-dorus, *Onir.* 1,24; mais detalhadamente, meu “Casamento”, 687-90. Poucas mulheres alegaram casos, mas eles são relatados como excepcionais (Valerius Maximus, *Facta* 8.3); sobre críticas a mulheres que falam publicamente, ver, por exemplo, Musonius Rufus (em C. E. Lutz, “*Musonius Rufus: The Roman Socrates*,” YCS 10 [1947]: 3-147 [at 42.14-15]).

[37] Sobre perguntas rudes, veja Plutarco, *On Listening to Lectures* 4, 11, 13, 18, *Mor.* 39CD, 43BC, 45D, 48AB; sobre a educação inferior das mulheres (como regra geral), ver a documentação em meu *Paul, Women and Wives*, 83-84, 126-27; também meu “Casamento”, 680-693.

[38] Plutarco insiste em ter interesse no aprendizado de sua esposa, contra o que ele considera como a visão comum *Bride* 48, *Mor.* 145 AC), embora ele (ao contrário de Paulo) considere explicitamente as mulheres como intelectualmente inferior (*Mor.* 145DE).

[39] Para usurpar autoridade, o que nem homens nem mulheres deveriam fazer, ver David M. Scholer, “1 Timóteo 2: 9-15 e o Lugar das Mulheres no Ministério da Igreja”, em *Mulheres, Autoridade e a Bíblia*, ed. Alvera Mickelsen (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1986), 205; Carroll D. Osburn, “*authenteo* (1 Timóteo 2:12),” *ResQ* 25 (1982): 2-4 (esta interpretação foi argumentada já em 1800; “usurpar autoridade sobre” aparece anteriormente na KJV). “Ter autoridade sobre” parece apoiado pela pesquisa completa e cuidadosa de H. Scott Baldwin (“Uma palavra difícil: *authenteo* em 1 Timóteo 2:12,” em *Women in the Church: A Fresh Analysis*, 65-80), mas isso torna o movimento um tanto controverso de omitir o substantivo cognato e deixa apenas duas referências pré-cristãs. Parece precário articular a proibição de metade dos cristãos de reconhecer uma chamada sobre um termo tão disputado. Mas, em qualquer caso, a passagem também proíbe o ensino.

[40] Estes argumentos apenas estabelecem a possibilidade; alguém poderia, inversamente, argumentar que Paulo se baseia em uma regra mais comum do texto mais estrito em 1 Coríntios 14:34 (a única outra passagem paulina usando esta palavra para “permitir”) – exceto que outra passagem em Corinto revela que esta passagem deve permitir o público oração e profecia (1 Cor. 11: 4-5). Da mesma forma, outras declarações nas Epístolas Pastorais devem qualificar nosso entendimento desta.

[41] Gordon Fee forneceu-me uma lista de todas as ocorrências na literatura grega existente e cópias do contexto mais completo da maioria desses textos, e as evidências são, como ele aponta, avassaladoras.

[42] Sobre a calúnia contra a igreja por seus papéis sociais, veja a documentação completa em meu *Paul, Women and Wives*, 139-56.

[43] Ver as diferentes interpretações em Gordon D. Fee, *1 e 2 Timothy, Titus* (NIBC; Peabody, Mass.: Hendrickson, 1988); Richard Clark Kroeger e Catherine Clark Kroeger, *I Suffer Not a Woman: Rethinking 1 Timothy 2: 11-15 in Light of Ancient Evidence* (Grand Rapids: Baker, 1992). Muito do que digo nesta seção foi tirado de meu artigo “Interpretando 1 Timóteo 2: 8–15”, em *Priscilla Papers* 12 (verão de 1998): 11–13.

[44] Para outras alusões inquestionavelmente situacionais específicas, ver 2 Timóteo 1: 2–6; 3: 14-15; 4:20; Tito 1: 4-5.

[45] Mesmo nos dias de Paulo, este era provavelmente um de seus princípios gerais ao qual ele poderia permitir exceções; assim, os líderes da igreja devem ser maridos de uma só mulher (1 Tim. 3: 2; Tito 1: 6), possivelmente dirigido contra professores que defendiam o celibato obrigatório (1 Tim. 4: 3; ver meu livro *And Marries Another*, 83-103, embora também note que a ênfase pode ser a fidelidade conjugal). Mas o próprio Paulo não era casado e provavelmente nunca havia se casado (ele era muito jovem para ter sido membro do Sinédrio, mesmo que as regras de casamento estivessem em vigor em sua época). Paulo advertiu Timóteo para não repreender os outros duramente (1 Tim. 5: 1-2), mas em circunstâncias diferentes, Paulo repreendeu Pedro publicamente (Gál. 2:14), que normalmente era considerado um comportamento impróprio (até mesmo pelo próprio Paulo – veja 1 Tim. 5: 19–20).

[46] Ver Alan Padgett, “A justificativa paulina para apresentação: feminismo bíblico e as cláusulas *hina* de Tito 2: 1-10,” *EvQ* 59 (1987): 39-52.

[47] Groothuis, *Good News for Women*, 211.

[48] Aqui usei partes do meu artigo “Como Paulo Interpreta Eva em 1 Timóteo 2?” *Priscilla Papers* 11 (verão de 1997): 11–13.

[49] Por exemplo, em Gálatas 4: 22-31, Paulo aplica especificamente Agar e Sara aos ismaelitas espirituais (que desejam circuncidar os gentios) e aos descendentes espirituais de Abraão, mas essas dificilmente são as únicas analogias que alguém pode tirar desses personagens bíblicos, nem ele condenar a atual circuncisão médica de crianças gentias (que difere da situação que ele abordou). Outros intérpretes inspirados usam Sarah como modelo para esposas cristãs (1 Pedro 3: 6) ou para todos os crentes (Hebreus 11:11).

[50] Dada a missão de Paulo, não é surpreendente que muitas de suas analogias digam respeito à era da salvação que ele proclama. Paulo traça uma analogia natural entre a lei de Moisés e o evangelho que ele prega (Rom. 10: 6–8); afinal, ambos são a palavra de Deus. Da mesma forma, a proclamação da restauração de Israel é uma analogia para a mensagem do evangelho (Rom. 10:15). Ele traça uma analogia entre a preservação de um remanescente do julgamento assírio (Isa. 10: 5, 21-24) e a restauração futura final dos sobreviventes de seu povo (Rom. 9: 27-29). Da mesma forma, pela fé os justos sobreviveriam à invasão babilônica iminente (Hab. 2: 4 no contexto); Paulo aplica o princípio ao dia do julgamento (Rom. 1:17; Gal. 3:11). Talvez por razões semelhantes, ele aplica imagens para a salvação futura de Israel (Isaías 49: 8) à presente oferta de salvação por meio de seu evangelho (2 Coríntios 6: 2). Paulo pode traçar uma analogia em grande escala entre Moisés e o ministério apostólico da nova aliança (2 Coríntios 3: 6-16), em que a revelação transformadora de Moisés “do Senhor” na narrativa do êxodo corresponde à experiência transformadora dos crentes do Espírito (vv. 17-18).

[51] Assim, Paulo pode fazer analogias entre a provisão de Israel na rocha e a bebida espiritual em Cristo, entre a provisão de comida de Deus no deserto e a Ceia do Senhor, e entre a travessia do mar de Israel e a experiência do batismo cristão (1Co 10: 1–4).

[52] Gênesis 3:16 e 4: 7 são os únicos dois textos do AT que usam esses termos para “desejar” e “governar” juntos (e dois de apenas três usando este termo para “desejo”); sua proximidade e idêntica construção nos convidam a interpretar sua construção em conjunto e a ver 3:16 como uma afirmação de contenda conjugal em que o marido, sendo mais forte, prevalecerá. Uma descrição inspirada e precisa da queda não é necessariamente prescritiva, em contraste com as afirmações apostólicas inspiradas do ministério das mulheres (ver Rom. 16: 1-2, uma carta de recomendação, como é amplamente reconhecido – ver, por exemplo, Meeks, *The First Urban Christians*, 109). Em Gênesis 2-3, veja mais Joy Elasky Fleming, “Uma análise retórica de Gênesis 2-3 com implicações para uma teologia do homem e da mulher” (Ph.D. diss., University of Strasbourg, 1987).

[53] Como observei em *Paul, Women and Wives* (208), o ponto desta comparação não é se o casamento é ordenado por Deus (claro que é), mas se as estruturas patriarcais particulares de casamento que sustentam os códigos domésticos greco-romanos são ordenados por Deus.

[54] Argumentei isso longamente, com documentação mais completa do que é possível aqui, em *Paul, Women and Wives*, 139-224.

[55] Ver os dados em Daniel Doriani, “Uma História da Interpretação de 1 Timóteo 2”, em *Women in the Church: A Fresh Analysis*, 213–2167.

[56] Ver o uso conservador, mas crítico, da liturgia romana por Lutero (Paul J. Grime, “Mudando o Tempo de Adoração,” *ChrHist* 39 [1993]: 16-18); tenha em mente, porém, que as visões de Lutero sobre os papéis de gênero eram progressivas em seu cenário histórico (ver Steven Ozment, “Reinventando a Vida Familiar”, *ChrHist* 39 [1993]: 22-26).

[57] Ver Robert D. Linder, “Aliados ou inimigos?” *ChrHist* 39 (1993): 40–44.

[58] Ver “Você Sabia?” *ChrHist* 30 (1991): 3; também os hussitas mais radicais em Elesha Coffman, “Rebeldes a serem avaliados”, *ChrHist* 68 (2000): 39-41

[59] Para algumas pesquisas, ver Stanley J. Grenz com Denise Muir Kjesbo, *Mulheres na Igreja: Uma Teologia Bíblica de Mulheres no Ministério* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1995), 36-62; Nancy Hardesty, *Women Called to Witness: Evangelical Feminism in the 19 Century* (Nashville: Abingdon, 1984); Catherine Booth, *Female Ministry: Women’s Right to Preach the Gospel* (Nova York: Salvation Army, 1975; 1ª ed., 1859); artigos em *ChrHist* 82 (2004). Veja esp. o longo tratamento em Ruth A. Tucker e Walter L. Liefeld, *Filhas da Igreja: Mulheres e Ministério dos Tempos do Novo Testamento até o Presente* (Grand Rapids: Zondervan, 1987). Observe a expectativa sugerida por Atos 2: 17-18.

[60] Ver Leonard Swidler, *Women in Judaism: The Status of Women in Formative Judaism* (Metuchen, N.J.: Scarecrow, 1976), 97–111; *my Commentary on Matthew*, 689–90.

[61] Ver Atos 22: 3; m. Avot 1: 4; Avot do Rabino Nathan 6; 38a; 11, §28B;b. Pesahim 3b; Talmud palestino Sanhedrin 10: 1, §8. Para sentar em cadeiras normalmente, veja Safrai, "Home and Family", em *The Jewish People in the First Century*, 737.

[62] Para obter um exemplo louvável, ver Thomas R. Schreiner, "Uma interpretação de 1 Timóteo 2: 9-15: Um diálogo com bolsa de estudos", em *Women in the Church: A Fresh Analysis*, 105.

Compartilhe isso:

- [Twitter](#)
- [Facebook](#)
-

Curtir isso:

Curtir Carregando...

Relacionado

[Mulheres no Ministério](#)

13 de outubro de 2021

Em "Craig S. Keener"

[Paulo, Mulheres e Esposas: Casamento e Ministério da Mulher nas Cartas de Paulo](#)

29 de outubro de 2021

Em "Craig S. Keener"

[MULHERES EVANGÉLICAS NO MINISTÉRIO – SÉCULO XIX](#)

12 de junho de 2022

Em "Ministério Feminino"

Navegação de posts

[Série Milênio](#)

[CRIANDO AGOSTINHO: INTERPRETANDO AGOSTINHO E AGOSTINIANISMO NA IDADE MÉDIA TARDIA](#)

3 comentários sobre “MULHERES NO MINISTÉRIO: OUTRA PERSPECTIVA IGUALITÁRIA”

-  **Mariza Santos** disse:
[18 de setembro de 2021 às 16:35](#)

Boa tarde, a paz seja convosco.
Gostaria de receber mais estudos. Obrigada. Deus abençoe!

[Curtir](#)Curtir

[Responder](#)

-  **Maria Eunice Dias Paulino Souza** disse:
[27 de novembro de 2021 às 18:16](#)

A paz estou participando do curso para professores de araras

[Curtir](#)Curtir

[Responder](#)

-  **Maria Eunice Dias Paulino Souza** disse:
[27 de novembro de 2021 às 18:21](#)

A paz estou participando do curso para professores de araras e gostaria de obter mais conhecimento através de seu blog

[Curtir](#)Curtido por [1 pessoa](#)

[Responder](#)

Deixe um comentário



 Seguir 